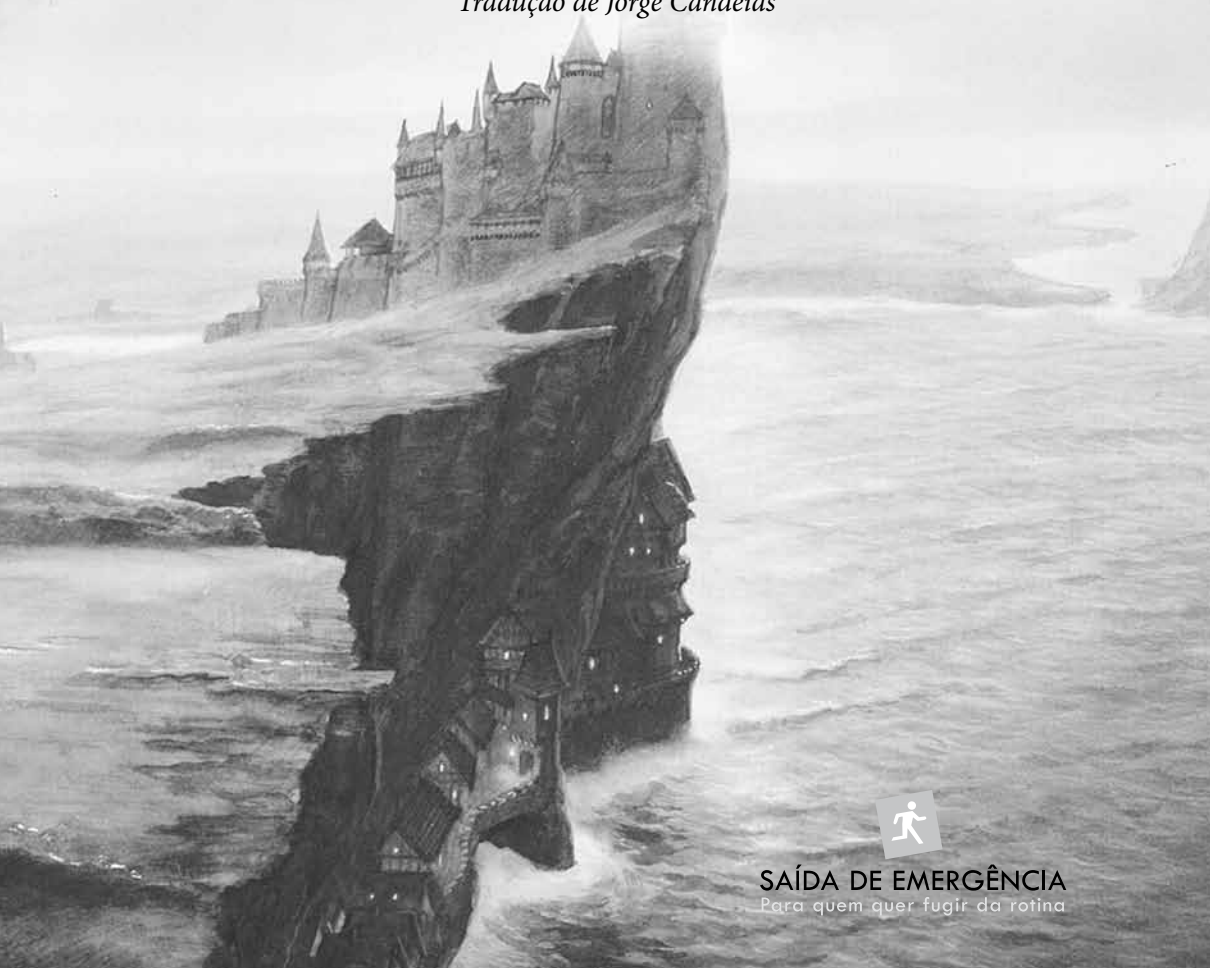


ROBIN HOBB

O PUNHAL DO SOBERANO

A Saga do Assassino
VOLUME II

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para Ryan



Planícies Glaciais

COSTAS GELADAS

Ilha Branco

MAR BRANCO

Ilha Roque

Terra de

Angra dos Peixes

Baía Fria

Barca

COSTAS GELADAS

VIGAS

CERVO

LAVRA

Lago Bode

REINO DA MONTANHA

Rio Vim

Rio Cervo

Jhaampe

VARA

Torre do Cervo

ERMOS CHUVOSOS

Lago Azul

RASGÃ

Orla d'Areia

Rio das Gemas

RAZOS

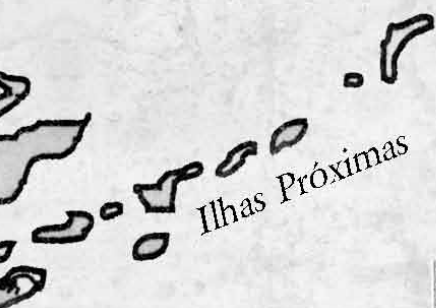
ESTADOS DE CALCEDE

Mercadores de Vilamonte

Baía Falsa

Baía dos Mercadores

Rio da Chuva



Ilhas Próximas

Alcatrazes

e Gelo



Os Seis Ducados

Ilha Gancho
Baía das Focas

Ilha Beche
Fundos-Altos

Ilha da Armação

Ilha do Linho

Ilha da Garra

Baía Limpa Baixios

Ilha de Vigia

Ilha do Ovo



-  Torres
-  Fronteira
-  Plataformas de Gelo

Sonhos e Despertares

Por que motivo é proibido escrever sobre conhecimentos específicos de artes mágicas? Talvez porque todos temamos que um tal conhecimento caia nas mãos de alguém indigno de o usar. É certo que sempre houve um sistema de aprendizagem que assegurasse que o conhecimento específico de magia só fosse transmitido àqueles treinados e julgados dignos de um tal conhecimento. Embora isto pareça uma tentativa louvável para nos proteger de praticantes indignos das artes arcanas, ignora o facto de que as artes mágicas não são derivadas desse conhecimento específico. A predilecção por um certo tipo de magia ou é inata ou ausente. Por exemplo, a capacidade para a magia conhecida como Talento está intimamente ligada a uma relação de sangue com a linha real Visionário, embora também possa ocorrer como “disposição bravia” entre gente cujos ancestrais provenham tanto das tribos do interior como dos ilhéus. Alguém treinado no Talento é capaz de sondar em busca da mente de outra pessoa, por mais distante que esteja, e de saber o que ela está a pensar, ou de ter conversas com ela. Para a condução de uma batalha, ou para a recolha de informação, é um instrumento de grande utilidade.

O folclore fala de uma magia ainda mais antiga, agora muito desprezada, conhecida como Manha. Poucos admitirão possuir talento para esta magia, daí dizer-se sempre tratar-se da esfera de acção da gente do vale seguinte, ou daquela que vive do outro lado da serra-

nia distante. Suspeito que foi em tempos a magia natural daqueles que viviam da terra como caçadores em vez de gente sedentária; uma magia para aqueles que sentiam uma afinidade para com os animais selvagens da floresta. A Manha, diz-se, dá-nos a capacidade de falar as línguas dos animais. Também se avisa que aqueles que praticam a Manha durante demasiado tempo ou bem demais se transformam no animal ao qual se vinculam. Mas isto pode ser apenas uma lenda.

Existem as magias equívocas, embora eu nunca tenha sido capaz de determinar a origem deste nome. São artes mágicas simultaneamente verificadas e suspeitas, que incluem a leitura da palma da mão, a leitura da água, a interpretação dos reflexos dos cristais, e uma hoste de outras artes que tentam predizer o futuro. Numa categoria separada e sem nome encontram-se as artes mágicas que causam efeitos físicos tais como a invisibilidade, a levitação, a transmissão de movimento ou vida a objectos inanimados — todas as artes mágicas das antigas lendas, desde a Cadeira Voadora do Filho da Viúva à Toalha de Mesa Mágica do Vento do Norte. Não conheço ninguém que reivindique estas artes como suas. Parecem ser apenas matéria de lendas, imputadas às gentes que viveram em tempos antigos ou lugares longínquos, ou a seres de fama mítica ou semi-mítica: dragões, gigantes, os Antigos, os Outros ou bicuendes.

Faço uma pausa para limpar a pena. A minha letra oscila entre fina como uma teia e esborratada neste papel de má qualidade. Mas não quero usar bom pergaminho para estas palavras; ainda não. Não tenho certeza de que devem ser escritas. Pergunto a mim próprio para quê pôr isto em papel. Não será este conhecimento transmitido de boca em boca àqueles que são dignos? Talvez. Mas talvez não. O que tomamos agora como certo, o conhecimento sobre estas coisas, pode ser um dia uma maravilha e um mistério para os nossos descendentes.

Há muito pouco sobre magia em qualquer uma das bibliotecas. Trabalho laboriosamente, seguindo um fio de conhecimento através de uma manta de retalhos de informação. Encontro referências dispersas, alusões de passagem, mas nada mais. Reuni-as, ao longo dos últimos anos, e armazenei-as na cabeça, tencionando sempre entregar os meus conhecimentos ao papel. Anotarei o que sei a partir

da minha experiência pessoal, bem como aquilo que fui investigando. Talvez para fornecer respostas a outro pobre tonto qualquer, em tempos que virão, que possa achar-se tão desgastado pela luta das artes mágicas dentro de si como eu tenho estado.

Mas quando me sento para pôr mãos à obra, hesito. Quem sou eu para opor a minha vontade à sabedoria daqueles que partiram antes de mim? Deverei registrar em letras simples os métodos através dos quais uma pessoa dotada para a Manha pode expandir o seu alcance, ou vincular uma criatura a si? Deverei detalhar o treino por que há que passar antes de se ser reconhecido como 'Talentoso'? As feitiçarias equívocas e artes legendárias nunca foram minhas. Terei algum direito de desenterrar os seus segredos e de os espetar no papel como outras tantas borboletas ou folhas recolhidas para estudo?

Tento pensar no que é possível fazer com um tal conhecimento, ganho de forma injusta. Isso leva-me a pensar no que esse conhecimento me deu a mim. Poder, riqueza, o amor de uma mulher? Troço de mim próprio. Nem o Talento, nem a Manha, alguma vez me ofereceram algo que se parecesse com essas coisas. Ou se o fizeram, não tive nem o bom senso nem a ambição de as agarrar quando me foram oferecidas.

Poder. Não julgo que alguma vez o tivesse desejado por si mesmo. Tive sede de poder, por vezes, quando era oprimido, ou quando aqueles que me eram próximos sofriam sob quem abusava dos seus poderes. Riqueza. Nunca pensei realmente nela. Desde o momento em que eu, seu neto bastardo, me entreguei ao Rei Sagaz, ele sempre tratou de que as minhas necessidades fossem satisfeitas. Tinha o suficiente para comer, mais educação do que por vezes desejava, roupas, quer simples, quer irritantemente elegantes, e com bastante frequência uma ou duas moedas minhas para gastar. Crescendo em Torre do Cervo, isso era riqueza suficiente, e mais do que aquilo de que a maior parte dos rapazes da Cidade de Torre do Cervo se podiam gabar. Amor? Bem. O meu cavalo Fuligem gostava bastante de mim, à sua maneira plácida. Tive a lealdade inabalável de um cão de caça chamado Narigudo, e isso levou-o à cova. Foi-me dado o mais feroz dos amores por um cachorro de toca, e isso também foi a sua morte. Estremeço ao pensar no preço voluntariamente pago por amar-me.

Desde sempre possuí a solidão de alguém educado por entre intrigas e cachos de segredos, o isolamento de um rapaz que não

pode confiar a ninguém a totalidade do que lhe vai no coração. Não podia ir ter com Penacariço, o escriba da corte, que me elogiava a escrita limpa e ilustrações bem coloridas, e confidenciar-lhe que já era aprendiz do assassino real, e portanto não podia seguir o seu ofício de escrever. Tampouco podia divulgar a Breu, o meu mestre na Diplomacia da Faca, a frustrante brutalidade que suportei ao tentar aprender os usos do Talento com Galeno, o Mestre do Talento. E a ninguém me atrevia a falar abertamente da minha crescente propensão para a Manha, a antiga magia dos animais, que se dizia ser uma perversão e uma mácula em qualquer um que a usasse.

Nem mesmo a Moli.

Moli era a mais estimada das coisas: um genuíno refúgio. Ela não tinha absolutamente nada a ver com a minha vida do dia-a-dia. Não era só por ser do sexo feminino, embora isso já fosse mistério bastante para mim. Fui criado quase inteiramente na companhia de homens, privado não só da minha mãe e pai naturais, mas também de quaisquer relações de sangue que me reconhecessem abertamente. Em criança, fui confiado aos cuidados de Castro, o rude mestre dos estábulos que em tempos fora o braço direito do meu pai. Moços de cavalaria e guardas eram os meus companheiros quotidianos. Então, como agora, havia mulheres nas companhias de guardas, embora não tantas nessa época como hoje. Mas, tal como os seus camaradas do sexo masculino, tinham deveres a cumprir, e vidas e famílias suas quando não estavam ao serviço. Não podia exigir o seu tempo. Não tinha mãe, nem irmãs ou tias que fossem minhas. Não havia mulheres que me oferecessem a ternura especial que se diz ser a esfera de acção das mulheres.

Nenhuma a não ser Moli.

Ela era apenas um ou dois anos mais velha do que eu, e crescia como um rebento de verdura força o seu caminho através de uma fenda nas pedras da calçada. Nem a embriaguez quase constante e a brutalidade frequente do pai, nem as massacrantes ocupações de uma criança que tentava manter uma aparência de lar e de negócio de família conseguiam esmagá-la. Quando a conheci, era tão selvagem e desconfiada como uma cria de raposa. Era conhecida como Moli Sangra-nariz entre as crianças da rua. Era frequente ostentar as marcas das surras que o pai lhe dava. Apesar da sua crueldade, ela gostava dele. Nunca compreendi aquilo. Ele resmungava e descompunha-a mesmo enquanto ela o levava a cambalear para casa depois

de uma das suas patuscadas e o punha na cama. E quando acordava, nunca sentia qualquer remorso pela bebedeira e palavras duras. Havia apenas mais críticas: Porque era que a velaria não tinha sido varrida e por que motivo não havia juncos frescos no chão? Porque fora que ela não tratara das colmeias, quando estavam quase sem mel para vender? Porque tinha ela deixado que o fogo se apagasse sob a caldeira de sebo? Fui uma testemunha muda mais vezes do que me apetece recordar.

Mas, através de tudo aquilo, Moli cresceu. Desabrochou, um súbito Verão, numa jovem mulher que me deixava pasmado com as suas maneiras competentes e encantos femininos. Quanto a ela, parecia completamente inconsciente de como os seus olhos eram capazes de se encontrar com os meus e transformar-me, na boca, a língua em couro. Nenhuma magia que eu possuísse, nenhum Talento, nenhuma Manha, me deixava à prova do toque acidental da sua mão na minha, nem me conseguia defender contra a inépcia que me subjugava perante a subtileza do seu sorriso.

Deverei catalogar o seu cabelo a fluir com o vento ou detalhar o modo como a cor dos seus olhos variava entre um âmbar escuro e um rico tom de castanho, dependendo da sua disposição e da cor do vestido? Eu vislumbrava as suas saias escarlates ou o xaile vermelho no meio da aglomeração do mercado, e de súbito ficava inconsciente de todos os demais. Isto que eu testemunhei eram artes mágicas, e embora as pudesse passar ao papel, nenhuma outra pessoa seria capaz de as executar com uma tal perícia.

Como foi que a cortejei? Com as galanterias desastradas de um rapaz, seguindo-a de boca aberta como um simplório observaria os discos rodopiantes de um malabarista. Ela soube que a amava antes de eu o saber. E deixou-me cortejá-la, embora fosse alguns anos mais novo do que ela, não fosse um dos rapazes da cidade e possuísse uma fraca situação, tanto quanto ela soubesse. Ela pensava que eu era o moço de recados do escriba, um ajudante ocasional nos estábulos, um estafeta da Torre. Nunca suspeitou que eu fosse o Bastardo, o filho não reconhecido que derrubara o Príncipe Cavalaria do seu lugar na linha de sucessão. Só isso já era um segredo suficientemente grande. Das minhas artes mágicas e da outra profissão nada sabia.

Talvez fosse por isso que eu podia amá-la.

Foi certamente por isso que a perdi.

Deixei que os segredos, falhanços e dores das minhas outras vidas me mantivessem demasiado ocupado. Havia artes mágicas a aprender, segredos a desenterrar, homens a matar, intrigas às quais sobreviver. Rodeado por elas, nunca me ocorreu que poderia virar-me para Moli em busca de um pouco da esperança e compreensão que me fugiam por todos os outros lados. Ela estava separada de tais coisas, não era maculada por elas. Preservei-a cuidadosamente de ser tocada por elas. Nunca tentei atrai-la para o meu mundo. Em vez disso, ia ao dela, à cidade piscatória e portuária onde vendia velas e mel na sua loja e fazia compras no mercado e, por vezes, passeava pelas praias comigo. Para mim, era suficiente que ela existisse para eu a amar. Nem sequer me atrevia a ter esperança de que pudesse corresponder a esse sentimento.

Chegou uma altura em que o meu treino no Talento me reduziu a uma infelicidade tão profunda que não julgava ser capaz de sobreviver-lhe. Não era capaz de perdoar-me por não conseguir aprendê-lo; não era capaz de imaginar que o meu falhanço pudesse não ter importância para os outros. Escondi o desespero com um retiro carancudo. Deixei que as longas semanas passassem, e nunca cheguei a ir vê-la ou a enviar-lhe a mensagem de que pensava nela. Por fim, quando não houve mais ninguém para quem me virar, procurei-a. Tarde demais. Cheguei uma tarde à Velaria Bálsamo de Abelha na Cidade de Torre do Cervo, com presentes nas mãos, a tempo de a ver partir. E não sozinha. Com Jade, um bom marinheiro de peito largo, com um ousado brinco numa orelha e a segura masculinidade da sua idade superior. Sem ser notado, derrotado, recuei furtivamente e fiquei a vê-los afastarem-se de braço dado. Vi-a partir, e deixei-a partir, e nos meses que se seguiram tentei convencer-me de que o meu coração também a tinha deixado partir. Gostaria de saber o que teria acontecido se tivesse corrido atrás dela naquela tarde, se lhe tivesse suplicado uma última palavra. É estranho pensar que tantos acontecimentos dependem do orgulho mal orientado de um rapaz e da sua aceitação disciplinada das derrotas. Pu-la fora dos meus pensamentos, e não falei dela a ninguém. Prosseguei com a minha vida.

O Rei Sagaz enviou-me na qualidade de seu assassino com uma grande caravana de gente que ia testemunhar o comprometimento da Princesa da Montanha Kettricken como noiva do Príncipe Veracidade. A minha missão era causar em segredo a morte do seu irmão mais velho, o Príncipe Rurisk, subtilmente, claro, para

que ela se transformasse na única herdeira do trono da Montanha. Mas o que encontrei quando lá cheguei foi uma teia de enganos e mentiras engendrada pelo meu tio mais novo, o Príncipe Majestoso, que nutria a esperança de remover Veracidade da linha de sucessão e reclamar Kettricken como noiva para si. Eu era o peão que ele queria sacrificar para atingir esse objectivo; e fui o peão que, em vez disso, derrubou as peças do jogo que o rodeavam, fazendo cair sobre mim a sua fúria e vingança, mas salvando a coroa e a princesa para o Príncipe Veracidade. Não me parece que tenha sido heroísmo. E tampouco me parece que tenha sido um despeito mesquinho a vingar-se daquele que sempre me ameaçara e rebaixara. Foi o acto de um rapaz que se tornava homem, e fazia aquilo que jurara fazer anos antes de compreender o custo de uma tal promessa. O preço foi o meu jovem corpo saudável, durante tanto tempo tomado como garantido.

Muito depois de ter derrotado a trama de Majestoso, permaneci numa cama de doente no Reino da Montanha. Mas por fim chegou uma manhã em que acordei e acreditei que a minha longa doença tinha finalmente chegado ao fim. Castro decidira que eu estava suficientemente recuperado para iniciar a longa viagem de regresso aos Seis Ducados. A Princesa Kettricken e a sua comitiva tinham partido para Torre do Cervo havia semanas, ainda o tempo estava bom. Agora, as neves de Inverno já encobriam as partes mais elevadas do Reino da Montanha. Se não saíssemos em breve de Jhaampe, seríamos forçados a passar lá o Inverno. Estava a pé cedo nessa manhã, tratando de embalar o resto das minhas coisas, quando os primeiros pequenos tremores começaram. Resolutamente, ignorei-os. Estava só fraco, disse a mim próprio, devido a ainda não ter comido o pequeno-almoço e à excitação da viagem para casa. Enverguei as roupas que Jonqui fornecera para a nossa viagem invernal através das montanhas e planícies. Para mim, havia uma longa camisa vermelha, acolchoada com forro de lã. As calças acolchoadas eram verdes, mas tinham bordados vermelhos à cintura e nas bainhas. As botas eram moles, quase desprovidas de forma até que os meus pés estivessem presos lá dentro. Eram como sacos de couro mole, forrados de lã de tosquia e debruados de pele. Atavam-se aos pés com longas voltas de tiras de couro. Os meus dedos trémulos faziam com que atá-las fosse tarefa difícil. Jonqui dissera-nos que eram maravilhosas para a neve seca das montanhas, mas que evitássemos molhá-las.

Havia um espelho no quarto. A princípio sorri perante o meu reflexo. Nem mesmo o bobo do Rei Sagaz se vestia tão garridamente como aquilo. Mas por cima do vestuário colorido, o meu rosto estava magro e pálido, fazendo com que os olhos escuros parecessem grandes demais, enquanto o cabelo cortado pela febre, negro e hirsuto, se mantinha em pé como os pêlos do cachoço de um cão. A minha doença tinha-me devastado. Mas disse a mim próprio que estava finalmente a caminho de casa. Virei costas ao espelho. Enquanto embalava os últimos pequenos presentes que seleccionara para levar para os meus amigos, em casa, a falta de firmeza nas mãos foi crescendo.

Pela última vez, Castro, Mãos e eu sentámo-nos para quebrar o jejum com Jonqui. Voltei a agradecer-lhe por tudo o que fez para me curar. Peguei numa colher para as papas, e a minha mão contorceu-se de súbito. Deixei-a cair. Vi a silhueta prateada cair, e caí atrás dela.

A imagem seguinte de que me lembro é a dos cantos sombrios do quarto. Fiquei deitado durante muito tempo, sem me mover e sem falar. Passei de um estado de vazio para a consciência de que tinha tido outro ataque. Passara; tanto o corpo como a mente estavam de novo às minhas ordens. Mas já não os queria. Aos quinze anos, uma idade em que a maior parte das pessoas chegava ao pleno das suas forças, eu já não podia confiar no meu corpo para levar a cabo a mais simples das tarefas. O corpo estava danificado, e eu rejeitava-o com ferocidade. Sentia-me violentamente vingativo contra a carne e ossos que me enclausuravam, e desejei que houvesse alguma forma de expressar o meu raivoso desapontamento. Porque era que não conseguia sarar? Porque motivo não tinha recuperado?

“Vai levar tempo, nada mais. Espera até que meio ano se tenha passado desde o dia em que sofreste os danos. Então avalia-te.” Era Jonqui, a curandeira. Estava sentada perto da lareira, mas tinha a cadeira puxada para trás, para as sombras. Não reparara nela até ouvi-la falar. Ergueu-se lentamente, como se o Inverno lhe fizesse doer os ossos, e veio até junto da minha cama.

“Não quero viver como um velho.”

Ela enrugou os lábios. “Mais tarde ou mais cedo terás de o fazer. Pelo menos, eu desejo que sobrevivas os anos suficientes. Eu sou velha, e o meu irmão, o rei Eyod, também. Não achamos que isso seja um fardo assim tão grande.”

“Eu não me importaria de ter um corpo de velho se os anos mo tivessem conquistado. Mas não posso continuar assim.”

Ela abanou a cabeça, confusa. “Claro que podes. Sarar é por vezes aborrecido, mas dizer que não podes continuar... não compreendo. Será, talvez, uma diferença entre as nossas línguas?”

Eu inspirei para falar, mas nesse momento Castro entrou. “Acordado? Sentes-te melhor?”

“Acordado. Não me sinto melhor”, resmunguei. Mesmo aos meus ouvidos, soava como uma criança rabugenta. Castro e Jonqui trocaram olhares por cima de mim. Ela veio até à cama, deu-me palmadinhas no ombro, e depois saiu em silêncio do quarto. A óbvia tolerância deles era humilhante, e a minha ira impotente ergueu-se como uma maré. “Porque é que não consegues curar-me?” perguntei a Castro.

Ele ficou surpreendido pela acusação presente na pergunta. “Não é assim tão simples”, começou.

“Porque não?” Endireitei-me na cama. “Vi-te curar todos os tipos de enfermidades nos animais. Doenças, ossos partidos, lombrias, rabugem... és mestre dos estábulos, e vi-te tratá-los a todos. Porque não consegues curar-me?”

“Tu não és um cão, Fitz”, disse Castro em voz baixa. “É mais simples com um animal, quando ele está seriamente doente. Já tomei medidas drásticas, por vezes, dizendo a mim mesmo, bem, se o animal morrer, pelo menos já não sofrerá, e isto pode curá-lo. Não posso fazer isso contigo. Tu não és um animal”.

“Isso não é resposta! Metade das vezes, os guardas vêm ter contigo em vez de irem ao curandeiro. Tiraste a ponta duma seta de Toca. Abriste-lhe o braço todo para a tirar! Quando o curandeiro disse que o pé de Cinzobrulha estava demasiado infectado e que ela o iria perder, veio ter contigo e tu salvaste-o. E o curandeiro não parava de dizer que a infecção iria espalhar-se e que ela morreria e seria culpa tua.”

Castro apertou os lábios, dominando a irritação. Se eu estivesse saudável, teria tido cautela com a sua ira. Mas a sua contenção durante a minha convalescença tinha-me tornado ousado. Quando falou, a voz estava calma e controlada. “Essas foram curas arriscadas, é verdade. Mas as pessoas que as desejavam conheciam os riscos. E,” disse, levantando a voz para subjugar a objecção que eu estava prestes a proferir, “eram coisas simples. Conhecia a causa. Tirar a

ponta da seta e a haste do braço dele e limpá-lo. Pôr uma cataplasma e drenar a infecção do pé de Cinzobrulha. Mas a tua doença não é assim tão simples. Nem Jonqui nem eu sabemos realmente o que se passa contigo. Serão as sequelas do veneno que Ketricken te deu quando pensou que tinhas vindo para matar o seu irmão? Serão os efeitos do vinho envenenado que Majestoso te arranjou? Ou será da surra que apanhaste depois? De quase te teres afogado? Ou será que todas essas coisas se combinaram para te fazer isto? Não sabemos, e por isso não sabemos como curar-te. Simplesmente não sabemos.”

A sua voz cerrou-se nas últimas palavras, e eu vi de súbito como a compaixão que sentia por mim se sobrepunha à frustração. Deu alguns passos, após o que parou para fitar a lareira. “Conversámos longamente sobre isto. Jonqui tem muito nos seus saberes de montanha de que eu nunca tinha ouvido falar. E eu falei-lhe de curas que conheço. Mas ambos concordámos que a melhor coisa a fazer era dar-te tempo para sarar. Não estás em perigo de morrer, que nós vejamos. Possivelmente, a seu tempo, o teu corpo pode expulsar os últimos vestígios do veneno, ou curar quaisquer danos que possam ter acontecido dentro de ti.”

“Ou então”, acrescentei eu em voz baixa, “é possível que fique assim para o resto da vida. Que o veneno ou o espancamento tenham danificado permanentemente qualquer coisa. Maldito seja Majestoso, por me ter pontapeado daquela forma quando já estava incapacitado.”

Castro ficou hirto como se fosse feito de gelo. Então deixou-se cair na cadeira que se encontrava nas sombras. Tinha a derrota na voz. “Sim. Essa possibilidade é tão válida como a outra. Mas não vêes que não temos escolha? Eu podia purgar-te para tentar forçar o veneno a sair-te do copo. Mas se for da surra, e não do veneno, tudo o que faria seria enfraquecer-te, de modo que a regeneração do teu corpo demoraria muito mais tempo.” Fitou as chamas, e ergueu uma mão para tocar uma faixa branca na têmpora. Eu não tinha sido o único a cair perante a traição de Majestoso. O próprio Castro apenas acabara de recuperar de um golpe no crânio que teria morto qualquer um que tivesse uma cabeça menos dura do que a dele. Sabia que ele suportara longos dias de tonturas e visão enevoada. Não me lembro de o ter ouvido queixar-se. Tive a decência de sentir um pouco de vergonha.

“Então o que fazemos?”

Castro sobressaltou-se como se o tivesse acordado. “O que temos estado a fazer. Esperamos. Comemos. Descansamos. Não te esforçamos demasiado. E vemos o que acontece. É assim tão terrível?”

Ignorei a pergunta. “E se eu não melhorar? Se me limitar a ficar assim, num estado em que os tremores e ataques podem subjugar-me a qualquer altura?”

A resposta dele demorou a chegar. “Vives com isso. Há muita gente que tem de viver com coisas piores. Na maior parte do tempo estás bem. Não és cego. Não estás paralisado. Ainda tens a cabeça a funcionar. Pára de te definires pelo que não podes fazer. Porque é que não reflectes naquilo que não perdeste?”

“O que não perdi? O que não perdi?” A minha ira ergueu-se como um bando de pássaros a levantar voo, igualmente alimentada pelo pânico. “Estou impotente, Castro. Não posso voltar assim para Torre do Cervo! Sou incapaz. Sou pior que incapaz, sou uma vítima em espera. Se pudesse regressar e espancar Majestoso até o deixar em polpa, talvez valesse a pena. Mas em vez disso, terei de me sentar à mesa com o Príncipe Majestoso, ser educado e deferente para com um homem que conspirou para derrubar Veracidade e matar-me como tempero adicional. Não posso suportar que ele me veja a tremer de fraqueza, ou cair de súbito num ataque. Não quero vê-lo sorrir perante aquilo que me fez; não quero vê-lo saborear o seu triunfo. Ele tentará de novo matar-me. Ambos sabemos que assim é. Talvez tenha aprendido que não é oponente à altura de Veracidade, talvez respeite o domínio e a nova esposa do irmão mais velho. Mas duvido que estenda o respeito até mim. Eu serei mais uma maneira para ele atacar Veracidade. E quando vier, o que estarei eu a fazer? Estarei sentado à lareira como um velho entreado, sem fazer nada. Nada! Tudo aquilo para que fui treinado, toda a instrução de Hode sobre armas, todos os cuidadosos ensinamentos de Penacarricho acerca das letras, até tudo o que tu me ensinaste sobre cuidar de animais! Tudo um desperdício! Não posso fazer nada. Sou de novo apenas um bastardo, Castro. E alguém me disse um dia que um bastardo real só é mantido vivo enquanto for útil.” Estava praticamente a gritar-lhe quando disse as últimas palavras. Mas mesmo na minha fúria e desespero, não falei em voz alta de Breu e do meu treino como assassino. Também nisso era agora inútil. Todos os meus movimentos furtivos e destreza de mãos, todas as maneiras precisas para matar um homem pelo toque, a cuidadosa

mistura de venenos, tudo me era negado pelas sacudidelas do meu próprio corpo.

Castro ficou sentado em silêncio, ouvindo-me até ao fim. Quando se me esgotaram o fôlego e a ira e fiquei a ofegar na cama, apertando as mãos traiçoeiramente trémulas uma contra a outra, falou calmamente.

“Bom. Estás a dizer que nós não voltamos a Torre do Cervo?”

Aquilo apanhou-me em contra-pé. “Nós?”

“Entreguei a vida ao homem que usasse esse brinco. Há uma longa história atrás disso, uma história que talvez te conte um dia. Paciência não tinha nenhum direito de to dar. Julguei que tinha ido com o Príncipe Cavalaria para a cova. Ela provavelmente pensou tratar-se de uma simples jóia que o marido usara, algo que era seu para guardar ou para dar. Seja como for, és tu que o usas agora. Para onde fores, eu sigo-te.”

Levei a mão ao pechisbeque. Era uma minúscula pedra azul, presa numa rede de fio de prata. Comecei a tirá-lo.

“Não faças isso,” disse Castro. As palavras eram calmas, mais profundas do que o rosnido de um cão. Mas a voz dele continha ao mesmo tempo ameaça e comando. Deixei cair a mão, incapaz de o questionar, pelo menos a respeito daquilo. Senti estranheza por o homem que cuidara de mim desde o tempo em que eu era uma criança abandonada pôr agora o seu futuro nas minhas mãos. E no entanto, ali se encontrava ele sentado à frente da minha lareira, à espera das minhas palavras. Estudei o que conseguia ver dele à luz dançarina do fogo. Em tempos parecera-me um gigante carrancudo, escuro e ameaçador, mas também um protector feroz. Agora, talvez pela primeira vez, estudei-o como homem. O cabelo e olhos escuros dominavam entre aqueles que possuíam sangue ilhéu, e nisso éramos parecidos um com o outro. Mas os seus olhos eram castanhos, em vez de negros, e o vento trazia-lhe um rubor às bochechas que espreitavam por cima da barba encaracolada que proclamava um ancestral de tez mais clara, algures. Quando caminhava, coxeava, de forma muito evidente nos dias frios. Era o legado de ter afastado um javali que tentara matar Cavalaria. Não era tão grande como outrora me parecera. Se eu continuasse a crescer, era provável que antes de se passar mais um ano me tornasse mais alto do que ele. E tampouco era maciçamente musculado, mas tinha em si um carácter compacto que constituía uma prontidão tanto de músculo como de mente.

Não fora o tamanho que o tornara temido e respeitado em Torre do Cervo, mas o seu temperamento negro e a sua tenacidade. Um dia, era eu muito novo, perguntara-lhe se alguma vez perdera uma luta. Ele tinha acabado de subjugar um jovem e teimoso garanhão e estava com ele na cocheira, acalmando-o. Castro sorria, mostrando os dentes brancos como os de um lobo. O suor projectava-se em gotículas na sua testa e escorria-lhe pela cara para o interior da barba negra. Falara-me por cima do lado da cocheira. “Perder uma luta?”, perguntara, ainda sem fôlego. “A luta não acaba até que a ganhes, Fitz. Isso é tudo aquilo de que te tens de lembrar. Não importa o que o outro homem pense. Ou o cavalo.”

Perguntei a mim próprio se eu seria uma luta que ele tinha de ganhar. Dissera-me frequentemente que eu era a última tarefa que Cavalaria lhe atribuíra. O meu pai abdicara do trono, envergonhado pela minha existência. Mas entregara-me àquele homem, e dissera-lhe para me criar bem. Talvez Castro pensasse que ainda não concluía essa tarefa.

“O que achas que eu devo fazer?” perguntei-lhe com humildade. Nem as palavras nem a humildade foram fáceis de encontrar.

“Sara,” disse ele após alguns momentos. “Leva o tempo que precisares a sara. Isso não pode ser forçado.” Olhou de relance para as suas pernas estendidas para o fogo. Algo que não um sorriso retorceu-lhe os lábios.

“Achas que devíamos regressar?” insisti.

Ele recostou-se na cadeira. Cruzou nos tornozelos os pés calçados com botas e fitou o fogo. Demorou muito tempo a responder. Mas por fim disse, quase com relutância: “Se não regressarmos, Majestoso pensará que ganhou. E tentará matar Veracidade. Ou pelo menos fará o que quer que ache que tem de fazer para tentar alcançar a coroa do irmão. Eu estou ajuramentado ao meu rei, Fitz, tal como tu. Neste momento, esse é o Rei Sagaz. Mas Veracidade é rei expectante. Não me parece que seja certo que ele espere em vão.”

“Ele tem outros soldados, mais capazes do que eu.”

“E isso liberta-te da tua promessa?”

“Argumentas como um sacerdote.”

“Não argumento de todo. Fiz-te simplesmente uma pergunta. E mais uma. O que é que abandonas, se deixares Torre do Cervo para trás?”

Foi a minha vez de cair no silêncio. Pensei no meu rei, e em tudo aquilo que lhe jurara. Pensei no Príncipe Veracidade, na sua franca cordialidade e nos modos abertos que me mostrava. Lembrei-me do velho Breu e do seu lento sorriso quando eu finalmente dominava algum arcano bocadinho de conhecimento. A Dama Paciência e a sua aia Renda, Penacarricho e Hode, até Tempero e a dona Despachada, a costureira. Não eram lá muitas pessoas, as que tinham cuidado de mim, mas isso tornava-as mais significativas, e não menos. Sentiria a falta de todos se nunca mais regressasse a Torre do Cervo. Mas o que saltou em mim como uma brasa a que se voltasse a dar fogo foi a memória de Moli. E, sem saber como, dei por mim a falar dela a Castro, e ele apenas a acenar com a cabeça enquanto eu despejava toda a história.

Quando falou, disse-me apenas que tinha ouvido dizer que a Velaria Bálsamo de Abelha fechara quando o velho bêbado que fora seu dono morrera endividado. A filha fora forçada a ir para outra vila ter com parentes. Não sabia qual, mas estava certo de que eu conseguiria descobrir, se estivesse determinado a fazê-lo. “Conhece o teu coração antes de o fazeres, Fitz”, acrescentou. “Se não tiveres nada a oferecer-lhe, deixa-a em paz. Estás aleijado? Só se decidires que estás. Mas se estiveres agora determinado a ser um aleijado, então talvez não tenhas o direito de ir à procura dela. Não me parece que queiras a sua piedade. É fraco substituto para o amor.” E então pôs-se em pé e deixou-me só, a fitar o fogo e a pensar.

Seria eu um aleijado? Teria perdido? O meu corpo dissonava como cordas de harpa mal afinadas. Isso era verdade. Mas a minha vontade, não a de Majestoso, tinha prevalecido. O meu príncipe Veracidade ainda se encontrava na linha de sucessão ao trono dos Seis Ducados, e a Princesa da Montanha era agora sua esposa. Temeria eu o sorriso afectado de Majestoso devido às minhas mãos trémulas? Não poderia eu devolver o sorriso a alguém que nunca seria rei? Uma satisfação selvagem encheu-me. Castro tinha razão. Eu não perdera. Mas podia assegurar-me de que Majestoso soubesse que fora eu quem ganhara.

Se ganhara contra Majestoso, será que não podia também conquistar Moli? O que se erguia entre mim e ela? Jade? Mas Castro ouvira dizer que ela abandonara a Cidade de Torre do Cervo, não que casara. Que partira sem um vintém para ir viver com parentes. Jade devia ter vergonha se permitiu que o fizesse. Eu procurá-la-ia, en-

contrá-la-ia e conquistá-la-ia. Moli, com o seu cabelo solto a ondular ao vento, Moli com os seus brilhantes saia e manto vermelhos, a ousadia de um cardeal-vermelho e olhos igualmente brilhantes. Pensar nela fez-me descer um arrepio pela espinha. Sorri para mim próprio, e então senti os lábios contraírem-se num ricto, e o estremecimento transformou-se num tremor. O meu corpo sacudiu-se num espasmo e a nuca colidiu violentamente com a armação da cama. Soltei um grito involuntário, um grito gorgolejante sem palavras.

Num instante, Jonqui estava ali, chamando Castro de volta, e então ambos me seguraram os membros que se sacudiam. O peso do corpo de Castro foi atirado para cima de mim, quando ele se esforçou por limitar-me os movimentos. E então, perdi os sentidos.

Saí da escuridão para a luz, como quem volta à superfície após um mergulho profundo em água tépida. A profunda cova da cama de penas embalava-me, as mantas eram suaves e quentes. Senti-me a salvo. Por um momento, tudo esteve em paz. Fiquei tranquilamente deitado, sentindo-me quase bem.

“Fitz?” perguntou Castro, debruçando-se por cima de mim.

O mundo regressou. Soube que era uma coisinha lacerada e digna de pena, uma marioneta com metade das cordas emaranhadas ou um cavalo com um tendão cortado. Nunca voltaria a ser como fora antes; não restava lugar para mim no mundo em que em tempos habitara. Castro dissera que a piedade era fraco substituto para o amor. Eu não queria a piedade de nenhum deles.

“Castro.”

Ele aproximou-se mais de mim. “Não foi assim tão mau,” mentiu. “Agora descansa. Amanhã...”

“Amanhã partes para Torre do Cervo,” disse-lhe.

Ele franziu o sobrolho. “Vamos com calma. Concede-te alguns dias para recuperar, e depois nós...”

“Não.” Puxei-me para uma posição sentada. Pus todos os bocadinhos de força que possuía nas palavras. “Tomei uma decisão. Amanhã vais voltar para Torre do Cervo. Há aí pessoas e animais à tua espera. És necessário. É a tua casa e o teu mundo. Mas não é a minha. Já não é.”

Ele ficou em silêncio durante um longo momento. “E tu vais fazer o quê?”

Abanei a cabeça. “Isso já não te diz respeito. Nem a ninguém, só a mim.”

“A rapariga?”

Voltei a abanar a cabeça, com mais violência. “Ela já cuidou de um aleijado, e passou a juventude a fazê-lo, só para descobrir que a deixou devedora. Será que devo regressar e procurá-la, neste estado? Deverei pedir-lhe para me amar para que possa ser um fardo para ela como o pai foi? Não. Sozinha ou casada com outro, ela está melhor agora tal como está.”

O silêncio estendeu-se longamente entre nós. Jonqui estava ocupada a um canto do quarto, a inventar mais um projecto herbáceo que nada faria por mim. Castro encontrava-se em pé por cima de mim, negro e carregado como uma nuvem de trovoadas. Eu sabia como lhe apetecia abanar-me, como desejava arrancar-me a teimosia à bofetada. Mas não o fez. Castro não batia em aleijados.

“Portanto,” disse por fim. “Só resta o teu rei. Ou será que te esqueces que estás ajuramentado como Homem do Rei?”

“Não me esqueço,” disse eu em voz baixa. “E se ainda me julgasse um homem, regressaria. Mas não o sou, Castro. Sou um embaraço. No tabuleiro, transformei-me em nada mais do que uma daquelas peças que têm de ser protegidas. Um refém à espera de ser capturado, impotente para me defender a mim ou a quem quer que seja. Não. A última acção que posso desempenhar como Homem do Rei é retirar-me, antes que outra pessoa o faça e fira o meu rei ao fazê-lo.”

Castro virou-se, afastando-se de mim. Era uma silhueta no quarto escuro, com a cara impossível de ler à luz da lareira. “Amanhã conversaremos,” começou.

“Só para dizer adeus,” interrompi. “Tenho o coração firme nisto, Castro.” Ergui a mão para tocar no brinco que tinha na orelha.

“Se ficares, então eu também terei de ficar.” Havia ferocidade na sua voz baixa.

“Não é assim que a coisa funciona,” disse-lhe. “Um dia, o meu pai disse-te para ficares para trás, e criares um bastardo em seu nome. Agora eu digo-te para partires, para ires servir um rei que ainda precisa de ti.”

“FitzCavalaria, eu não...”

“Por favor.” Não sei o que ele ouviu na minha voz. Sei apenas que ficou de súbito imóvel. “Estou tão cansado. Tão infernalmente cansado. A única coisa que sei é que não sou capaz de cumprir o que toda a gente acha que devo fazer. Simplesmente não sou capaz.”

A minha voz estremeceu como a de um velho. “Não importa o que eu deva fazer. Não importa o que jurei fazer. Não resta eu suficiente para cumprir a palavra dada. Isso talvez não esteja certo, mas é como é. Os planos de todos. Os objectivos de todos. Nunca os meus. Tentei, mas...” O quarto balouçou à minha volta como se fosse outro a falar e eu senti-me chocado com aquilo que ele estava a dizer. Mas não podia negar a verdade das suas palavras. “Preciso agora de ficar sozinho. Para descansar,” disse, simplesmente.

Ambos se limitaram a olhar-me. Nenhum dos dois falou. Saíram do quarto, lentamente, como se esperassem que eu mudasse de ideias e os chamasse de volta. Não o fiz.

Mas depois de partirem e de eu ficar sozinho, permiti-me exalar. Senti-me tonto com a decisão que tinha tomado. Não ia regressar a Torre do Cervo. Não tinha ideia do que ia fazer. Varrera do tabuleiro os bocados quebrados da minha vida. Agora havia espaço para recolocar as peças que ainda possuísse, para planear uma nova estratégia para viver. Lentamente, compreendi que não tinha dúvidas. A tristeza lutava com o alívio, mas não tinha dúvidas. Sem que eu soubesse porquê, era muito mais suportável avançar para uma vida em que ninguém se lembrasse de quem eu fora um dia. Uma vida que não estivesse entregue à vontade de outra pessoa. Nem mesmo à do meu rei. Estava acabado. Recostei-me na cama e, pela primeira vez em semanas, relaxei por completo. Adeus, pensei fatigadamente. Teria gostado de lhes dizer adeus a todos, de estar uma última vez perante o meu rei e ver o breve aceno que me diria que o que fizera fora bem feito. Talvez pudesse tê-lo levado a compreender o motivo por que não queria regressar. Não era esse o meu destino. Agora estava acabado, tudo acabado. “Lamento, meu rei,” murmurei. Fitei as chamas dançarinas na lareira até que o sono me veio buscar.

Baía Lodosa

Ser Rei ou Rainha Expectante é cavalgar firmemente a barreira entre a responsabilidade e a autoridade. Diz-se que a posição foi criada para satisfazer a ambição de poder de um príncipe herdeiro, enquanto se lhe ensinava o seu exercício. O filho mais velho da família real assume esta posição no seu décimo sexto aniversário. Desse dia em diante, o Rei ou Rainha Expectante assume uma parcela completa de responsabilidade pelo governo dos Seis Ducados. Em geral, assume de imediato aqueles deveres de que o monarca gosta menos, e esses têm variado grandemente de reinado em reinado.

Sob o reinado do Rei Sagaz, o primeiro rei expectante foi o Príncipe Cavalaria. A ele, o Rei Sagaz cedeu tudo aquilo que tivesse a ver com as fronteiras e delimitações: guerra, negociações e diplomacia, os desconfortos de longas viagens e as condições miseráveis que era frequente encontrar em campanha. Quando Cavalaria abdicou e o Príncipe Veracidade se tornou rei expectante, herdou todas as incertezas da guerra contra os ilhéus, e a agitação civil que essa situação criara entre os Ducados Interiores e os Costeiros. Todas essas tarefas eram tornadas mais difíceis na medida em que, a qualquer momento, as suas decisões podiam ser anuladas pelo Rei. Era frequente que fosse obrigado a lidar com uma situação que não fora ele a criar, armado apenas com opções que não eram da sua escolha.

Ainda menos sustentável, talvez, era a posição da Rainha Expectante Kettricken. Os seus costumes da Montanha marcavam-na como estrangeira na corte dos Seis Ducados. Em tempos de paz, talvez tivesse sido recebida com mais tolerância. Mas a corte em Torre do Cervo fervia com a agitação geral dos Seis Ducados. Os Navios Vermelhos vindos das Ilhas Externas assolavam a nossa linha de costa como não o faziam havia gerações, destruindo muito mais do que aquilo que roubavam. O primeiro Inverno do reinado de Kettricken como rainha expectante viu também o primeiro ataque invernal que alguma vez experimentámos. A ameaça constante de ataques, e o tormento prolongado dos Forjados no nosso seio, abalavam as fundações dos Seis Ducados. A confiança na monarquia era baixa, e Kettricken estava na posição pouco invejável de ser a rainha forasteira de um rei expectante que não era admirado.

A agitação civil dividia a corte, pois os Ducados Interiores davam voz ao seu ressentimento relativamente aos impostos que pagavam para proteger uma linha de costa que não partilhavam. Os Ducados Costeiros exigiam navios de guerra e soldados e um modo eficaz de combater os salteadores que atacavam sempre onde estávamos menos preparados. Criado no interior, o Príncipe Majestoso procurava ganhar poder para si cortejando os Ducados Interiores com presentes e atenções sociais. O Rei Expectante Veracidade, convencido de que o seu Talento já não era suficiente para manter os salteadores à distância, colocou a sua atenção na construção de navios de guerra para proteger os Ducados Costeiros, deixando pouco tempo para dedicar à sua nova rainha. Acima de todos, o Rei Sagaz mantinha-se agachado como uma grande aranha, esforçando-se por manter o poder distribuído entre si e os seus filhos, por manter tudo em equilíbrio e os Seis Ducados intactos.

Acordei com alguém a tocar-me na testa. Com um resmungo aborrecido, afastei a cabeça do toque. Tinha as mantas todas enroladas à minha volta; lutei por me libertar do seu aperto e depois sentei-me para ver quem se tinha atrevido a perturbar-me. O bobo do Rei Sagaz estava empoleirado numa cadeira, com ar ansioso, ao lado da minha cama. Fitei-o furiosamente, e ele recuou perante o meu olhar. Uma inquietação assaltou-me.

O Bobo devia encontrar-se em Torre do Cervo, com o rei, a muitas milhas e dias dali. Nunca soubera que ele tivesse deixado a companhia do rei durante mais do que algumas horas ou o repouso de uma noite. O Bobo era meu amigo, tanto quanto a sua estranheza lhe permitia ser amigo de alguém. Mas uma visita sua sempre tivera um objectivo, e esses objectivos raramente eram triviais ou agradáveis. Parecia mais fatigado do que eu alguma vez o vira. Usava um fato de retalhos verdes e vermelhos que não me era familiar e trazia um ceptro de bobo com uma cabeça de ratazana no topo. O vestuário berrante contrastava demasiado com a sua pele sem cor. Transformava-o numa vela translúcida engrinaldada de azevinho. As roupas que trazia pareciam mais substanciais do que ele. O cabelo fino e claro saía a flutuar do confinamento do barrete como o cabelo de um afogado na água do mar, enquanto as chamas dançarinas da lareira lhe brilhavam nos olhos. Esfreguei os meus olhos ramelosos e afastei algum do cabelo da cara. Tinha o cabelo húmido; suara durante o sono.

“Olá”, consegui dizer. “Não esperava ver-te aqui.” Sentia a boca seca, e a língua grossa e amarga. Tinha estado doente, recordei. Os detalhes pareciam difusos.

“Onde haveria de estar?” Ele deitou-me um olhar triste. “Por cada hora que dormistes, menos descansado fostes parecendo. Recostai-vos, senhor. Permitti-me que vos ponha confortável.” Atarefou-se a sacudir-me as almofadas, mas eu disse-lhe com um gesto para se afastar. Algo estava ali errado. Ele nunca me tinha falado tão bem. Éramos amigos, mas as palavras que o Bobo me dirigira sempre tinham sido tão vigorosas e amargas como fruta meio madura. Se aquela súbita gentileza era uma exibição de piedade, eu não queria saber dela.

Olhei de relance a minha camisa de noite bordada, a rica cobertura da cama. Algo nelas parecia estranho. Estava demasiado cansado e fraco para destrinçar porquê. “Que estás tu a fazer aqui?” perguntei-lhe.

Ele inspirou e suspirou. “Estou a tratar de vós. A vigiar-vos durante o sono. Sei que achais isto uma tolice, mas a verdade é que eu sou o Bobo. Portanto sabeis que tenho de ser tolo. E no entanto fazeis-me esta mesma pergunta de cada vez que acordais. Deixai-me então propor algo mais sensato. Suplico-vos, senhor, deixai-me mandar buscar outro curandeiro.”

Recostei-me nas almofadas. Estavam húmidas de suor, e cheiravam-me mal. Sabia que podia pedir ao Bobo que as mudasse e ele fá-lo-ia. Mas iria apenas voltar a suar se o fizesse. Era inútil. Agarrei-me aos cobertores com dedos nodosos. Perguntei-lhe diretamente: “Porque vieste até aqui?”

Ele tomou a minha mão nas suas e deu-lhe palmadinhas. “Senhor, desconfio desta fraqueza súbita. Pareceis não obter nada de bom dos cuidados deste curandeiro. Temo que os seus conhecimentos sejam muito menores do que a opinião que tem deles.”

“Castro?” perguntei com incredulidade.

“Castro? Bem gostaria que ele estivesse aqui, senhor! Ele pode ser o mestre dos estábulos, mas apesar disso garanto que é mais curandeiro do que este Coparede que vos medica e vos faz suar.”

“Coparede? Castro não está aqui?”

O rosto do Bobo pôs-se mais sério. “Não, meu rei. Ele permanece nas Montanhas, como vós bem sabeis.”

“Teu rei,” disse eu, e tentei rir-me. “Que troça.”

“Nunca, senhor,” disse ele, gentilmente. “Nunca.”

A sua ternura confundiu-me. Aquele não era o Bobo que eu conhecia, cheio de palavras retorcidas e adivinhas, de cutucadas maliciosas, trocadilhos e insultos astuciosos. Senti-me subitamente esticado como uma velha corda, e tão desgastado como ela. Apesar disso, tentei ajustar as coisas. “Nesse caso estou em Torre do Cervo?”

Ele anuiu lentamente. “Claro que sim.” A preocupação apertou-lhe a boca.

Fiquei em silêncio, sondando toda a profundidade da traição que sofrera. De algum modo tinha sido trazido de volta a Torre do Cervo. Contra a minha vontade. Castro nem sequer achara por bem acompanhar-me.

“Deixai que vos traga alguma comida,” suplicou-me o Bobo. “Sentis-vos sempre melhor depois de comer.” Ergueu-se. “Trouxe-a para cima há horas. Mantive-a quente junto à lareira.”

Os meus olhos seguiram-no fatigadamente. Junto à grande lareira, acorrou-se para tirar de junto do fogo uma terrina coberta. Ergueu a tampa e veio-me ao nariz um rico cheiro a guisado de carne de vaca. Encheu uma tigela com uma concha. Tinham-se passado meses desde a última vez que comera carne de vaca. Nas Montanhas, só se comia carne de veado, carneiro e cabra. Os meus olhos vaguearam fatigadamente pelo quarto. As pesadas tapeçarias, as maciças

cadeiras de madeira. As pesadas pedras da lareira, as cortinas da cama ricamente trabalhadas. Conhecia aquele lugar. Aquilo era o quarto do rei em Torre do Cervo. Porque estava eu ali, na cama do rei? Tentei perguntar ao Bobo, mas foi outro que falou com os meus lábios. “Sei demasiadas coisas, Bobo. Já não consigo impedir-me de as saber. Por vezes é como se outra pessoa controlasse a minha vontade e me empurrasse a mente para onde eu preferiria que ela não fosse. Foi aberta uma brecha nas minhas muralhas. Tudo jorra para dentro como uma maré.” Inspirei profundamente, mas não consegui afastá-lo. Primeiro um formigueiro gelado, depois foi como se estivesse submerso num rápido fluxo de água fria. “Uma maré enchente”, arqueei. “Trazendo navios. Navios de quilhas vermelhas...”

Os olhos do Bobo esbugalharam-se de alarme. “Nesta estação, Majestade? Certamente que não! No Inverno, não!”

Sentia a respiração apertada no peito. Lutei por falar. “O Inverno chegou com demasiada brandura. Poupanos tanto às suas tempestades como à sua protecção. Olha. Olha para ali, por sobre as águas. Vês? Eles vêm. Eles vêm do nevoeiro.”

Ergui o braço para apontar. O Bobo aproximou-se à pressa para se pôr a meu lado. Acocorou-se para espreitar para onde eu apontava, mas eu sabia que ele não podia ver. Mesmo assim, pousou lealmente uma mão hesitante no meu ombro magro, e olhou como se pudesse afastar à força de vontade as muralhas e as milhas que se interpunham entre si e a minha visão. Ansiei por ser tão cego como ele. Agarrei a pálida mão de longos dedos que descansava no meu ombro. Por um momento, olhei para a minha mão murcha, para o anel com o sinete real que aderira a um dedo ossudo por trás de uma articulação inchada. Então o meu olhar relutante foi atraído para cima e a minha visão levada para longe.

A mão que apontava indicava o porto calmo. Lutei por me sentar mais direito, para ver mais. A vila escurecida estendia-se à minha frente como uma manta de retalhos de casas e estradas. Nevoeiro jazia nas zonas baixas e era espesso na baía. Uma mudança de tempo que aí vinha, pensei de mim para mim. Algo se agitou no ar que me enregelava, arrefecendo-me tanto o suor antigo na pele que tremi. Apesar do negrume da noite e do nevoeiro, não tive dificuldade em ver tudo na perfeição. Uma visão de Talento, disse a mim próprio, mas depois tive dúvidas. Não era capaz de usar o Talento, não de forma previsível, não de forma útil.

Mas enquanto observava, dois navios saltaram das névoas e emergiram no porto adormecido. Esqueci o que era ou não capaz de fazer. Aqueles navios eram lustrosos e estavam em bom estado, e embora parecessem negros ao luar, eu sabia que os seus cascos eram vermelhos. Salteadores dos Navios Vermelhos vindos das Ilhas Externas. Os navios moviam-se como facas através das pequenas ondas, cortando o seu caminho para longe do nevoeiro, fendendo a água protegida do porto como uma lâmina fina fende a barriga de um porco. Os remos moviam-se em silêncio, em perfeito uníssono, com as pás abafadas com farrapos. Aproximaram-se das docas com o à-vontade de honestos mercadores vindos para comerciar. Do primeiro barco saltou um marinheiro com ligeireza, trazendo uma corda para o amarrar a uma estaca. Um remador manteve-o afastado da doca até que a corda de ré foi atirada e também amarrada. Tudo com tanta calma, com tanta audácia. O segundo navio estava a seguir o exemplo do primeiro. Os temidos Navios Vermelhos tinham chegado à vila, atrevidos como gaivotas, e estavam atracados à doca das suas vítimas.

Nenhuma sentinela deu o alarme. Nenhum vigia soprou um corno ou atirou um archote para uma pilha de lenha de pinheiro-duro preparada de antemão para acender um fogo sinaleiro. Procurei-os e encontrei-os instantaneamente. De cabeças apoiadas nos peitos, estavam inactivos nos seus postos. Boa lâ fiada em casa passara de cinzenta a vermelha ao embeber-se com o sangue proveniente das suas gargantas rasgadas. Os seus assassinos tinham chegado em silêncio, por terra, seguros de cada um dos postos de vigia, para silenciar todos os vigilantes. Ninguém preveniria a vila adormecida.

Não houvera muitas sentinelas. Não havia muito naquela pequena vila, que por pouco não merecia um ponto no mapa. A vila contara com a humildade das suas posses para a defender de ataques como aquele. Criavam ali boa lâ, e fiavam um bom fio, era certo. Apanhavam e fumavam o salmão que subia o seu rio, e as maçãs eram ali minúsculas mas doces, e davam um bom vinho. Havia uma boa praia para amêijoas a oeste da vila. Essas eram as riquezas de Baía Lodosa, e embora não fossem grandes, eram o bastante para fazer com que aqueles que ali viviam acarinhassem as suas vidas. Era certo, porém, que não valiam um ataque com lâmina e archote. Que homem são julgaria que um barril de vinho de maçã ou uma grade de salmão fumado valiam o tempo de um salteador?

Mas aqueles eram Navios Vermelhos, e não vinham saquear em busca de riquezas ou tesouros. Não procuravam o gado premiado de reprodução, nem mesmo mulheres para esposas ou rapazes para escravos das galés. As ovelhas gordas de lã seriam mutiladas e mortas, o salmão fumado seria espezinhado, os armazéns de velos e vinhos incendiados. Levariam reféns, sim, só para os Forjar. A magia da Forja deixá-los-ia menos que humanos, despojados de todas as emoções e de qualquer pensamento à exceção dos mais básicos. Os Salteadores não ficariam com esses reféns, mas abandoná-los-iam ali, para gerarem a sua angústia debilitante naqueles que os tinham amado e lhes tinham chamado família. Despídos de toda a sensibilidade humana, os Forjados vagueariam pela sua terra natal com a implacabilidade de glutões. Este uso dos nossos próprios familiares contra nós como Forjados era a mais cruel das armas dos ilhéus. Isso já eu sabia enquanto observava. Tinha visto as consequências de outros ataques.

Observei a maré de morte erguer-se para inundar a pequena vila. Os piratas ilhéus saltaram do navio para as docas e subiram em fluxo até à aldeia. Gotejaram em silêncio pelas ruas em bandos de dois e três, tão mortíferos como veneno desfraldando em vinho. Um grupo pequeno fez uma pausa para vasculhar os outros navios amarrados à doca. A maior parte dos barcos eram pequenos dórís abertos, mas havia dois navios de pesca maiores e um navio mercante. As suas tripulações encontraram uma morte rápida. As suas lutas frenéticas foram tão patéticas como o bater de asas e os guinchos das galinhas quando uma doninha penetra no galinheiro. Chamaram por mim com vozes cheias de sangue. O espesso nevoeiro engoliu-lhes os gritos com avidez. Transformou a morte de um marinheiro em nada mais do que o lamento de uma ave marinha. Depois, os barcos foram incendiados, descuidadamente, sem que um pensamento fosse dedicado ao seu valor como despojos. Aquelles Salteadores não levavam um verdadeiro saque. Talvez uma mão-cheia de moedas, se fossem fáceis de encontrar, ou um colar arrancado ao corpo de alguém que tivessem violado e morto, mas pouco mais do que isso.

Eu nada podia fazer além de observar. Tossi pesadamente, após o que encontrei fôlego para falar. “Se ao menos conseguisse compreendê-los,” disse ao Bobo. “Se ao menos soubesse o que querem. Estes Navios Vermelhos não fazem sentido. Como podemos

combater aqueles que guerreiam por um motivo que não divulgam? Mas se pudesse compreendê-los...”

O Bobo franziu os lábios pálidos e reflectiu. “Eles participam da loucura daquele que os guia. Só podem ser compreendidos partilhando essa loucura. Eu próprio não tenho qualquer desejo de os compreender. Compreendê-los não os parará.”

“Pois não.” Não queria observar a aldeia. Vira aquele pesadelo com demasiada frequência. Mas só um homem sem coração conseguiria afastar os olhos como se se tratasse de um espectáculo de marionetas pobremente encenado. O mínimo que podia fazer pelo meu povo era vê-lo morrer. Isso também era o máximo que podia fazer por ele. Estava doente e era um aleijado, um velho num lugar distante. Nada mais podia ser esperado de mim. Por isso, observei.

Observei a pequena vila acordar de um sono suave com o rude apertar de uma mão estranha na garganta ou no peito, com uma faca por cima de um berço, ou com o súbito grito de uma criança arrancada ao sono. Luzes começaram a tremular e cintilar por toda a povoação; algumas eram velas acesas ao ouvir o alarido feito por um vizinho; outras eram archotes ou casas a arder. Embora os Navios Vermelhos já aterrorizassem os Seis Ducados há mais de um ano, para aquelas pessoas tudo se tornava completamente real naquela noite. Tinham ouvido as histórias de horror, e decidido nunca deixar que acontecesse com eles. Mas mesmo assim as casas ardiavam e os gritos erguiam-se no céu nocturno como se fossem transportados pelo fumo.

“Fala, Bobo,” ordenei com voz rouca. “Recorda para mim o que está para vir. O que é que dizem de Baía Lodosa? Um ataque a Baía Lodosa, no Inverno.”

Ele inspirou, estremeceu. “Não é fácil, nem claro,” hesitou. “Tudo ondula, tudo é ainda mudança. Há demasiadas coisas em fluxo, Majestade. O futuro derrama-se aí em todas as direcções.”

“Fala de qualquer coisa que consigas ver,” ordenei.

“Fizeram uma canção sobre esta vila,” observou o Bobo com um ar vazio. Ainda continuava a agarrar-me o ombro; através da camisa de dormir, o apertado dos seus dedos longos e fortes era frio. Um estremeço passou entre nós e eu senti o modo como ele lutava por continuar em pé a meu lado. “Quando é cantada numa taberna, com o refrão sincopado ao ritmo de canecas de cerveja a bater numa mesa, nada disto parece muito mau. É possível imaginar a valen-

te luta que esta gente deu, preferindo cair em combate a render-se. Nem um, nem uma única pessoa, foi capturada viva e Forjada. Nem uma.” O Bobo fez uma pausa. Uma nota de histeria misturou-se com a frivolidade que ele forçou a transparecer na voz. “Claro, quando se está a beber e a cantar, não se vê o sangue. Nem se cheira a carne queimada. Nem se ouvem os gritos. Mas isso é compreensível. Já alguma vez tentastes encontrar uma rima para ‘criança desmembrada’? Alguém experimentou uma vez ‘lembrança violentada’ mas o verso continuava a não soar inteiramente bem.” Não há alegria na sua ironia. Os seus gracejos amargos não conseguem proteger nem a ele nem a mim. Ele voltou a cair no silêncio, o meu prisioneiro condenado a partilhar comigo os seu dolorosos conhecimentos.

Testemunho em silêncio. Nenhum verso falaria de um pai que forçou uma bolinha de veneno a entrar na boca de uma criança para que ela não caísse nas mãos dos Salteadores. Ninguém cantaria acerca de crianças a gritar com as dores causadas pelo rápido e duro veneno, nem sobre as mulheres que eram violadas enquanto jaziam moribundas. Nenhuma rima ou melodia podia suportar o peso de contar a história de arqueiros, cujas setas mais precisas mataram familiares capturados antes de poderem ser arrastados para longe. Espreitei o interior de uma casa incendiada. Através das chamas, vi um rapaz de dez anos a descobrir a garganta para o golpe da faca da mãe. Segurava o corpo da irmã bebé, já estrangulada, pois os Navios Vermelhos tinham chegado, e nenhum irmão que a amasse a entregaria aos Salteadores ou à voracidade das chamas. Vi os olhos da mãe enquanto erguia os corpos dos filhos e os levava consigo para as chamas. É melhor não recordar coisas destas. Mas não me foi poupado esse conhecimento. Era meu dever saber destas coisas, e recordá-las.

Nem todos morreram. Alguns fugiram para os campos e florestas em redor. Vi um jovem a levar quatro crianças consigo para debaixo das docas, para se agarrar, dentro de água gelada, aos pilares cobertos de cracas até os Salteadores partirem. Outros tentaram fugir e foram mortos enquanto corriam. Vi uma mulher numa camisa de dormir a sair sorrateiramente de uma casa. Chamas já corriam pela parede lateral do edifício. Ela transportava uma criança nos braços e outra agarrava-se-lhe às saias e seguia-a. Mesmo na escuridão, a luz vinda das cabanas incendiadas despertava-lhe reflexos lustrosos no cabelo. Olhou em redor, atemorizada, mas a longa faca

que levava na mão livre estava erguida e pronta a usar. Vislumbrei uma pequena boca com uma expressão severa, uns olhos ferozmente semicerrados. Então, por um instante, vi o seu orgulhoso perfil delineado contra a luz do fogo. “Moli!”, arqueei. Estendi para ela uma mão feita garra. Ela ergueu um alçapão e enxotou as crianças para dentro de um armazém subterrâneo que se abria por trás da casa em chamas. Baixou silenciosamente o alçapão por sobre todos eles. Salva?

Não. Dobraram uma esquina, dois deles. Um levava um machado. Caminhavam lentamente, pavoneando-se e rindo alto. A fuligem que lhes manchava os rostos fazia realçar os dentes e o branco dos olhos. Um era uma mulher. Era muito bela, e ria enquanto caminhava. Destemida. O cabelo descia-lhe pelas costas numa trança entrançada com fio de prata. As chamas tremulavam nela, rubras. Os Salteadores avançaram até à porta do armazém, e o do machado brandiu-o num grande golpe em arco. O machado enterrou-se profundamente na madeira. Ouvi o grito aterrorizado de uma criança. “Moli!”, guinchei. Saí atabalhoadamente da cama, mas não tive forças para me pôr em pé. Gatinhei na direcção dela.

O alçapão cedeu, e os Salteadores riram. Um morreu a rir, quando Moli surgiu de um salto através dos restos despedaçados do alçapão para lhe enfiar a longa faca na garganta. Mas a mulher bela com a prata brilhante no cabelo tinha uma espada. E enquanto Moli lutava por libertar a faca do moribundo, essa espada caía, caía, caía.

Nesse instante algo cedeu na casa incendiada com um estrondo penetrante. A estrutura oscilou e então caiu numa chuva de faúlhas e numa erupção de chamas que rugiam. Uma cortina de fogo ergueu-se entre mim e o armazém subterrâneo. Não conseguia ver nada através daquele inferno. Teria a casa caído sobre a porta do armazém e sobre os Salteadores que a atacavam? Não conseguia ver. Atirei-me para a frente, tentando alcançar Moli.

Mas, num instante, tudo desapareceu. Deixou de haver casa incendiada, vila pilhada, porto profanado, Navios Vermelhos. Só restava eu, acorocado junto à lareira. Tinha atirado a mão para o fogo, e os dedos agarravam um carvão em brasa. O Bobo gritou e pegou-me no pulso para me tirar a mão do fogo. Sacudi-o, após o que olhei entorpecido para os meus dedos cheios de ampolas.

“Meu rei,” disse o Bobo num tom lastimoso. Ajoelhou a meu lado, deslocou cuidadosamente a terrina de sopa que se encontrava perto do meu joelho. Humedeceu um guardanapo no vinho que tinha servido para a minha refeição e dobrou-mo sobre os dedos. Deixei que o fizesse. Não conseguia sentir a pele queimada devido ao grande ferimento que tinha dentro de mim. Os seus olhos preocupados fitaram os meus. Quase não conseguia vê-lo. Parecia uma coisa insubstancial, ostentando as chamas vacilantes da lareira nos seus olhos sem cor. Uma sombra como todas as outras sombras que vinham atormentar-me.

Os meus dedos queimados latejaram de súbito. Agarrei-os com a outra mão. O que fizera, o que pensara? O Talento assaltara-me como se fosse um ataque, e então partira, deixando-me tão seco como um copo vazio. O cansaço correu para dentro de mim e encheu-me, e a dor montou-o como se fosse um cavalo. Lutei por reter na memória aquilo que vira. “Que mulher era aquela? É importante?”

“Ah.” O Bobo pareceu ainda mais abatido, mas lutou por recompor-se. “Uma mulher em Baía Lodosa?” Fez uma pausa como se estivesse a torturar os miolos. “Não. Não tenho nada. É tudo uma confusão, meu rei. É muito difícil saber.”

“Moli não tem filhos,” disse-lhe. “Não podia ter sido ela.”

“Moli?”

“O nome dela é Moli?” quis saber. A minha cabeça latejava. “Porque me atormentas assim?”

“Senhor, não sei de nenhuma Moli. Vinde. Voltai para a cama, e eu trago-vos alguma comida.”

Ajudou-me a pôr-me em pé e eu tolerei o seu toque. Encontrei a voz. Flutuava, com o fogo dos meus olhos a ir e vir. Num momento conseguia sentir a sua mão no meu braço, no seguinte parecia que sonhava o quarto e os homens que aí conversavam. Consegui falar. “Tenho de saber se aquela era Moli. Tenho de saber se ela está a morrer. Bobo, tenho de saber.”

O Bobo soltou um pesado suspiro. “Não é algo que eu comande, meu rei. Sabeis disso. Tal como as vossas visões, as minhas governam-me, e não o contrário. Não posso puxar por um fio da tapeçaria, mas tenho de olhar para onde os olhos estão virados. O futuro, meu rei, é como uma corrente num canal. Não vos posso dizer para onde uma gota de água vai, mas posso dizer-vos onde o fluxo é mais forte.”

“Uma mulher em Baía Lodosa,” insisti. Parte de mim apiedava-se do meu pobre bobo, mas outra parte insistia. “Não a teria visto com tanta clareza se não fosse importante. Tenta. Quem era ela?”

“Ela tem significado?”

“Sim. Tenho a certeza. Oh, sim.”

O Bobo sentou-se no chão de pernas cruzadas. Levou os seus longos dedos às têmporas e fez pressão como quem tenta abrir uma porta. “Não sei. Não compreendo... É tudo uma confusão, tudo é entroncamentos. Os trilhos foram pisoteados, os cheiros estão todos errados...” Ergueu os olhos para mim. Sem saber como, tinha-me posto em pé, mas ele estava sentado no chão aos meus pés, erguendo os olhos para mim. Os seus olhos pálidos estavam arregalados na sua cara de casca de ovo. Cambaleou de tensão, sorrindo tolamente. Olhou pensativo para o ceptro da ratazana, encostou-lhe o nariz. “Conheceste alguma Moli assim, Ratita? Não? Não me parecia que conhecesses. Talvez devêssemos perguntar a alguém que esteja mais em posição de saber. Os vermes, talvez.” Uma risota pateta apoderou-se dele. Criatura inútil. Tolo adivinho cheio de enigmas. Bem, ele não podia evitar ser o que era. Deixei-o e regresssei calmamente à cama. Sentei-me na borda.

Descobri que tremia como se estivesse com uma sezão. Um ataque, disse a mim próprio. Tenho de me acalmar, senão arrisco um ataque. Queria que o Bobo me visse a contorcer-me e a arquejar? Não me importava. Nada importava, excepto descobrir se aquela era a minha Moli e, se fosse, se teria perecido. Tinha de saber. Tinha de saber se ela morreria e, se morreria, como morreria. Nunca saber alguma coisa fora tão essencial para mim.

O Bobo estava acororado no tapete como um sapo pálido. Humedeceu os lábios e sorriu-me. A dor pode por vezes arrancar um sorriso daqueles a um homem. “É uma canção muito contente, a que cantam sobre Baía Lodosa,” observou. “Uma canção triunfante. Os aldeões ganharam, compreendeis? Não ganharam a vida para si, não, mas uma morte limpa. Bem, seja como for, uma morte. A morte, não a Forja. Isso sempre é alguma coisa. Alguma coisa para servir de tema a uma canção e a que nos agarrarmos nos dias que correm. É assim que as coisas são agora nos Seis Ducados. Matamos os nossos para que os Salteadores não o possam fazer, e depois fazemos canções de vitória sobre isso. É espantoso aquilo de que as pessoas retiram conforto quando não têm mais nada a que se agarrar.”

A minha visão suavizou-se. Soube de súbito que sonhava. “Eu nem sequer estou aqui,” disse numa voz ténue. “Isto é um sonho. Estou a sonhar que sou o Rei Sagaz.”

Ele ergueu a mão pálida à luz do fogo, examinou os ossos tão claramente delineados na carne magra. “Se o dizeis, meu suserano, deve ser verdade. Então eu, também, sonho que sois o Rei Sagaz. Se vos beliscar acordarei, talvez?”

Fiz cair o olhar sobre as mãos. Eram velhas e cheias de cicatrizes. Fechei-as, observei as veias e tendões a fazer bojo debaixo da superfície fina como papel, senti a resistência de areia dos nós inchados dos meus dedos. Sou agora um velho, pensei para mim próprio. É assim que nos sentimos realmente quando somos velhos. Não doente, num estado em que se pode ficar melhor. Velho. Quando cada novo dia só pode ser mais difícil, cada mês mais um fardo para o corpo. Tudo deslizava para o lado. Julgara, brevemente, ter quinze anos. De algures vinha o cheiro de carne chamuscada e cabelo a arder. Não, era um rico guisado de carne de vaca. Não, era o incenso curativo de Jonqui. A mistura de cheiros encheu-me de náuseas. Perdi o rasto a quem era, ao que era importante. Esgravatei na lógica escorregadia, tentando dominá-la. Era inútil. “Não sei,” murmurei. “Não compreendo nada disto.”

“Ah,” disse o Bobo. “Tal como vos disse. Só podeis compreender uma coisa quando vos transformais nela.”

“Então isto é o que significa ser o Rei Sagaz?” quis saber. Aquilo abalava-me até ao âmago. Nunca o vira assim, torturado pelas dores da idade mas ainda inexoravelmente confrontado pelas dores dos seus súbditos. “É isto que ele tem de suportar, dia após dia?”

“Temo que seja, meu suserano,” respondeu o Bobo com gentileza. “Vinde. Deixai-me ajudar-vos a voltar para a cama. Certamente que amanhã vos sentireis melhor.”

“Não. Ambos sabemos que não sentirei.” Não proferi aquelas terríveis palavras. Elas vieram dos lábios do Rei Sagaz, e eu ouvi-as, e soube que aquela era a verdade debilitante que o Rei Sagaz suportava todos os dias. Estava tão terrivelmente cansado. Todas as partes de mim doíam. Não sabia que a carne podia ser tão pesada, que o mero dobrar de um dedo pudesse exigir um esforço doloroso. Queria descansar. Voltar a dormir. Seria eu, ou Sagaz? Devia deixar que o Bobo me pusesse na cama, deixar que o meu rei obtivesse o seu repouso. Mas o Bobo continuava a manter aquele bocado fulcral de informa-

ção mesmo por cima das minhas maxilas. Escamoteava a única partícula de informação que eu tinha de possuir para estar completo.

“Ela morreu ali?”, quis saber.

Ele olhou-me com tristeza. Inclinou-se subitamente para a frente, voltou a pegar no seu ceptro da ratazana. A minúscula pérola de uma lágrima escorreu pelo focinho de Ratita. Focou-se nela e os olhos voltaram a partir para longe, vagueando através de uma tundra de dor. Falou num murmúrio. “Uma mulher em Baía Lodosa. Uma gota de água na corrente de todas as mulheres de Baía Lodosa. O que pode ter-lhe acontecido? Morreu? Sim. Não. Muito queimada, mas viva. O braço cortado junto ao ombro. Encurralada e violada enquanto lhe matavam os filhos, mas deixada viva. Mais ou menos.” Os olhos do Bobo ficaram ainda mais vazios. Era como se lesse em voz alta um rol. A voz não tinha inflexão. “Assada viva com as crianças quando a estrutura a arder caiu sobre eles. Tomou veneno assim que o marido a acordou. Morreu sufocada com o fumo. E morreu de uma infecção num ferimento de espada apenas alguns dias mais tarde. Morreu de uma estocada de espada. Afogada no seu próprio sangue enquanto era violada. Cortou a própria garganta depois de matar os filhos enquanto Salteadores lhe desfaziam a porta. Sobreviveu e deu à luz o filho de um Salteador no Verão seguinte. Foi encontrada a vaguear dias mais tarde, muito queimada, mas sem se lembrar de nada. Teve a face queimada e as mãos cortadas, mas viveu um curto...”

“Pára!”, ordenei-lhe. “Pára com isso! Suplico-te, pára.”

Ele fez uma pausa e encheu os pulmões de ar. Os olhos regressaram a mim, focaram-se em mim. “Pára com isso?” Suspirou. Pôs o rosto nas mãos, falou através de dedos que lhe abafavam as palavras. “Pára com isso? Foi isso que gritou a mulher em Baía Lodosa. Mas já está feito, meu suserano. Não podemos parar aquilo que já está a acontecer. Uma vez as coisas desencadeadas, é tarde demais.” Ergueu o rosto das mãos. Parecia muito fatigado.

“Por favor,” supliquei-lhe. “Não me podes falar da mulher que eu vi?” De súbito deixei de conseguir recordar o seu nome, recordava apenas que ela era muito importante para mim.

Ele abanou a cabeça, e as pequenas campainhas de prata no seu barrete tilintaram fatigadamente. “A única maneira de descobrir seria ir lá.” Ergueu os olhos para mim. “Se o ordenardes, eu fá-lo-ei.”

“Manda chamar Veracidade,” disse-lhe. “Tenho instruções para lhe dar.”

“Os nossos soldados não podem chegar a tempo de parar este ataque,” recordou-me o Bobo. “Só para ajudar a apagar os incêndios e ajudar as pessoas de lá a escolher por entre as ruínas aquilo que lhes resta.”

“Então será isso que farão,” disse eu em voz pesada.

“Primeiro deixai-me ajudar-vos a voltar para a cama, meu rei. Antes que apanheis um resfriado. E deixai-me trazer-vos comida.”

“Não, Bobo,” disse-lhe eu, tristemente. “Deverei comer e ficar quente enquanto os corpos de crianças estão a arrefecer na lama? Vai-me antes buscar o roupão e os borzeguins. E depois vai à procura de Veracidade.”

O Bobo resistiu corajosamente. “Julgais que o desconforto que infligis ao vosso corpo dará mais um sopro a uma criança que seja, meu suserano? O que aconteceu em Baía Lodosa está feito. Porque haveis vós de sofrer?”

“Porque hei-de eu sofrer?” Encontrei um sorriso para dar ao Bobo. “Essa é decerto a mesma pergunta que todos os habitantes de Baía Lodosa fizeram esta noite ao nevoeiro. Sofro, meu bobo, porque eles sofreram. Porque sou rei. Mas mais do que isso, porque sou um homem, e vi o que aconteceu aí. Pensa nisso, Bobo. O que aconteceria se todos os homens dos Seis Ducados dissessem a si próprios: ‘Bem, o pior que pode acontecer-lhes já aconteceu. Porque haveria eu de prescindir da minha refeição e cama quente para me preocupar com isso?’ Bobo, pelo sangue que tenho no corpo, aquela é a minha gente. Sofrerei eu mais esta noite do que qualquer um deles sofreu? O que são as dores e tremores de um homem comparados com aquilo que aconteceu em Baía Lodosa? Porque deveria eu abrigar-me enquanto a minha gente é morta como gado?”

“Mas três palavras são tudo o que preciso de dizer ao Príncipe Veracidade.” O Bobo enfadou-me com mais palavras. “‘Salteadores’ e ‘Baía Lodosa,’ e ele ficará a saber tanto quanto qualquer homem precisa de saber. Deixai que vos instale na cama, senhor, e depois correrei para ele com essas palavras.”

“Não.” Uma nova renovada de dor desabrochou na parte de trás do meu crânio. Tentou afastar o sentido dos meus pensamentos, mas eu resisti firmemente. Forcei o meu corpo a caminhar até à cadeira junto à lareira. Consegui baixar-me até ela. “Passei a juventude

a definir as fronteiras dos Seis Ducados com qualquer um que as desafiasse. Deverá a minha vida ser demasiado valiosa para ser ariscada agora, que resta tão pouca, e toda crivada de dor? Não, Bobo. Traz-me cá imediatamente o meu filho. Ele usará o Talento por mim, visto que a minha força nele está no fim por esta noite. Juntos, reflectiremos sobre o que virmos, e tomaremos as nossas decisões quanto ao que tem de ser feito. Agora vai. VAI!”

Os pés do Bobo tamborilaram no chão de pedra quando ele fugiu.

Fui deixado só comigo. Connosco. Levei as mãos às tēmporas. Senti um sorriso doloroso pregar-me o rosto quando me encontrei. *Então, rapaz. Ai estás tu.* O meu rei virou lentamente a sua atenção para mim. Estava cansado, mas estendeu o seu Talento para mim, a fim de tocar a minha mente com a suavidade de uma teia de aranha soprada pelo vento. Sondei desajeitadamente, tentando completar o vínculo de Talento e tudo correu mal. O nosso contacto esfarrapou-se, rasgando-se como pano podre. E então ele desapareceu.

Estava agachado, sozinho, no chão do meu quarto no Reino da Montanha, desconfortavelmente perto do fogo que ardia na lareira. Tinha quinze anos, e a roupa de noite que trajava era suave e limpa. O fogo na lareira já enfraquecera. Os meus dedos cheios de bolhas latejavam irritadamente. O início de uma enxaqueca de Talento pulsava nas minhas tēmporas.

Movi-me lentamente, cauteloso ao erguer-me. Como um velho? Não. Como um jovem cuja saúde ainda estava em reparação. Agora sabia a diferença.

A minha cama suave e limpa chamava-me, como um amanhã suave e limpo.

Recusei-os a ambos. Escolhi a cadeira junto à lareira e fitei as chamas, a reflectir.

Quando Castro chegou à primeira luz da aurora para me dizer adeus, estava pronto para seguir com ele.

O Regresso a Casa

A fortaleza de Torre do Cervo ergue-se sobranceira ao melhor porto de águas profundas dos Seis Ducados. Para norte, o rio Cervo desagua no mar, e com as suas águas transporta a maior parte dos bens exportados pelos ducados interiores de Lavra e Vara. Íngremes falésias negras servem de base para o castelo, que domina a foz do rio, o porto e as águas que se estendem para lá dele. A cidade de Torre do Cervo agarra-se precariamente a essas falésias, bem afastada da bacia de inundação do grande rio, com uma boa porção dela construída sobre docas e cais. A fortaleza original era uma longa estrutura construída pelos primeiros habitantes da área como defesa contra os ataques dos ilhéus. Foi capturada num tempo antigo, por um atacante chamado Tomador, o qual com a captura do forte passou a residente. Ele substituiu a estrutura de madeira por paredes e torres de pedra negra cortada das próprias falésias, e no processo afundou mais na pedra as fundações de Torre do Cervo. Com cada uma das gerações sucessivas da dinastia Visionário, as paredes foram sendo fortificadas e as torres reconstruídas mais altas e mais robustas. Desde Tomador, o fundador da dinastia Visionário, Torre do Cervo nunca caiu em mãos inimigas.

Neve beijou-me o rosto e vento empurrou-me o cabelo para longe da testa. Sacudi-me de um sonho escuro para outro mais escuro, para uma paisagem de Inverno em território florestal. Sentia frio, excepto onde o calor que se elevava do meu laborioso cavalo me aquecia. Por baixo de mim, Fuligem caminhava imperturbavelmente pela neve aglomerada pelo vento. Achei que já cavalgava há muito tempo. Mãos, o moço de estrebaria, cavalgava à minha frente. Virou-se na sela e gritou-me qualquer coisa.

Fuligem parou, de uma forma que não foi abrupta, mas eu não estava à espera e quase deslizei de cima da sela. Agarrei-me à crina do cavalo e equilibrei-me. Flocos que caíam regularmente encobriam a floresta à nossa volta. Os abetos estavam carregados de neve acumulada, enquanto os videiros disseminados entre eles eram silhuetas negras e nuas ao luar enevoado de Inverno. Não havia sinais de um trilho. A floresta à nossa volta era densa. Mãos refreara o seu castrado negro à nossa frente e fora por isso que Fuligem parara. Atrás de mim, Castro montava a sua égua ruana com a facilidade experiente de um cavaleiro de toda a vida.

Eu tinha frio e estava trémulo de fraqueza. Olhei em volta, entorpecido, perguntando a mim próprio por que motivo teríamos parado. O vento soprava em penetrantes rajadas, fazendo bater o meu manto ensopado no flanco de Fuligem. Mãos apontou de súbito. “Ali!” Olhou para mim. “Viste aquilo, não viste?”

Inclinei-me para a frente, a fim de espreitar por entre a neve que caía como palpitantes cortinas de renda. “Acho que sim”, disse, apesar do vento e da neve que caía me engolirem as palavras. Por um instante, vislumbrara minúsculas luzes. Eram amarelas e estacionárias, ao contrário do pálido azul de fogo-fátuo que ainda me atormentava ocasionalmente a visão.

“Achais que é Torre do Cervo?” gritou Mãos através do vento que aumentava.

“É,” asseverou calmamente Castro, cuja voz profunda se projectava sem esforço. “Já sei onde estamos. Foi aqui que o Príncipe Veracidade matou aquela grande corça há coisa de seis anos. Lembro-me porque ela saltou quando a seta a atingiu, e caiu por aquela ravina. Levámos o resto do dia a descer até lá abaixo e a trazer a carne para cima.”

A ravina que ele indicou com um gesto não era mais do que uma linha de arbustos vislumbrada através da neve que caía. Mas de

súbito tudo se encaixou nos seus lugares na minha cabeça. A disposição daquela vertente, os tipos de árvores, a ravina ali, e portanto Torre do Cervo era para acolá, restava apenas uma breve cavalgada até conseguirmos ver claramente a fortaleza nas falésias que dominavam a baía e a Cidade de Torre do Cervo, por baixo. Pela primeira vez em dias, soube com absoluta certeza onde estávamos. As pesadas nuvens tinham impedido que verificássemos o nosso rumo pelas estrelas, e o nevão invulgarmente grande alterara a disposição do terreno até que mesmo Castro parecera inseguro. Mas agora sabia que tinha o lar a não mais que uma pequena cavalgada de distância. No Verão. Mas recolhi o que restava da minha determinação.

“Já não falta muito,” disse a Castro.

Mãos já pusera o cavalo em marcha. O pequeno e atarracado castrado avançou valentemente, abrindo um trilho através da neve acumulada. Toquei com os calcanhares em Fuligem e a grande égua avançou com mais relutância. Quando o animal se inclinou para o monte, eu deslizei para um dos lados. Enquanto esgravatava futilmente a sela, Castro pôs o cavalo ao lado do meu. Estendeu a mão, agarrou-me pelo colarinho, e voltou a endireitar-me. “Já não falta muito,” concordou. “Vais conseguir.”

Logrei concordar com um aceno. Fora apenas a segunda vez que ele tivera de me equilibrar na última hora e picos. Uma das minhas melhores noites, disse amargamente a mim próprio. Endireitei-me na sela, endireitei resolutamente os ombros. Estava quase em casa.

A viagem fora longa e árdua. O tempo estivera mau, e as constantes dificuldades não me tinham melhorado a saúde. Lembra-me de grande parte como um sonho escuro; dias de solavancos na sela, quase inconsciente do caminho que seguíamos, noites em que jazia entre Mãos e Castro na nossa pequena tenda e tremia com uma fadiga tão grande que nem conseguia dormir. Quando nos aproximámos do Ducado de Cervo, julguei que a viagem se tornaria mais fácil. Não contara com a cautela de Castro.

No Lago Bode, parámos uma noite numa estalagem. Pensara que arranjaríamos passagem numa barçaça fluvial no dia seguinte, pois embora o gelo pudesse debruar as margens do Rio Cervo, a sua forte corrente mantinha um canal livre durante todo o ano. Fui logo para o quarto, pois não tinha muita energia. Castro e Mãos estavam ambos a contar com comida quente e companheirismo, já para não

falar de cerveja. Não esperara que viessem depressa para o quarto. Mas pouco mais de duas horas se tinham passado quando ambos subiram para se prepararem para dormir.

Castro estava sombrio e silencioso mas, depois de se ter deitado, Mãos contou-me num murmúrio, da sua cama, como o rei era mal falado naquela vila. “Se soubessem que éramos de Torre do Cervo, duvido que tivessem falado tão livremente. Mas vestidos como estamos com trajos de Montanha, tomaram-nos por mercadores ou comerciantes. Uma dúzia de vezes julguei que Castro iria desafiar um deles. Em boa verdade, não sei como se conseguiu conter. Todos se queixam dos impostos para a defesa da costa. Escarnecem, dizendo que apesar de todos os impostos que os sangram, os Salteadores ainda chegaram sem serem vistos no Outono, quando o tempo se manteve bom, e queimaram mais duas vilas.” Mãos fez uma pausa, e acrescentou hesitantemente: “Mas falam invulgarmente bem do Príncipe Majestoso. Ele passou por aqui acompanhando Kettricken para Torre do Cervo. Um homem à mesa chamou-lhe um grande peixe branco em forma de esposa, digno do rei da costa. E outro interveio, dizendo que o Príncipe Majestoso, pelo menos, se apresentava bem apesar de todas as suas dificuldades, e tinha o aspecto que um príncipe devia ter. Então beberam à saúde e longa vida do príncipe.”

Um frio instalou-se em mim. Respondi-lhe num sussurro: “As duas aldeias Forjadas. Ouviste quais eram?”

“Maxilar de Baleia, lá em cima em Vigas. E Baía Lodosa, no próprio Cervo.”

A escuridão escureceu mais em meu redor, e eu passei a noite inteira a vigiá-la.

Na manhã seguinte deixámos o Lago Bode. A cavalo. Por terra. Castro nem sequer quis que nos mantivéssemos na estrada. Protestei em vão. Ele escutou as minhas queixas, após o que me puxou de parte, para perguntar ferozmente: “Tu queres morrer?”

Olhei-o sem expressão. Ele fungou com desagrado.

“Fitz, nada mudou. Continuas a ser um bastardo real, e o Príncipe Majestoso ainda te vê como obstáculo. Tentou livrar-se de ti não uma, mas duas vezes. Achas que te vai dar as boas-vindas a Torre do Cervo? Não. Para ele ainda é melhor se não regressarmos de todo. Portanto vamos tratar de não sermos alvos fáceis. Vamos por terra. Se ele ou os seus mercenários nos quiserem apanhar, terão de nos dar caça pelos bosques. E ele nunca foi grande caçador.”

“Mas Veracidade não nos protegeria?”, perguntei eu debilmente.

“És um Homem do Rei, e Veracidade é rei expectante,” fez notar Castro com rispidez. “És tu que proteges o teu rei, Fitz. Não o contrário. Não que ele não te tenha em boa conta, e faça tudo o que pode para te proteger. Mas tem assuntos mais pesados a tratar. Navios Vermelhos. Uma nova noiva. E um irmão mais novo que pensa que a coroa ficaria melhor na sua cabeça. Não. Não esperes que o Rei Expectante te vigie. Trata tu disso.”

Tudo em que consegui pensar foi nos dias extra que ele estava a colocar entre mim e a minha busca por Moli. Mas não lhe forneci essa razão. Não lhe contara o sonho que tivera. Em vez disso, disse: “Majestoso teria de estar louco para tentar matar-nos outra vez. Todos saberiam que o assassino era ele.”

“Louco não, Fitz. Só implacável. Majestoso é implacável. Que nunca suponhamos que Majestoso se submete às leis que nós observamos, ou até que pensa como nós. Se Majestoso vir uma oportunidade para nos matar, aproveitá-la-á. Não se importará com quem suspeitar, desde que ninguém o possa provar. Veracidade é o nosso rei expectante. Não o nosso rei. Ainda não. Enquanto o Rei Sagaz estiver vivo e no trono, Majestoso arranjará maneiras de rodear o pai. Safar-se-á com muitas coisas. Até com o assassinio.

Castro levava o cavalo para fora da estrada mais percorrida, mergulhara entre montes de neve acumulada e subira a vertente nevada que se erguia por trás deles, para traçar um rumo directo para Torre do Cervo. Mãos olhara-me como se se sentisse doente. Mas seguira-o. E todas as noites em que dormíamos todos amontoados numa única tenda e não em camas numa estalagem acolhedora, eu pensara em Majestoso. Durante todos os passos atrapalhados em todas as vertentes, quando era mais frequente levar o cavalo pela arreata do que seguir montado nele, em todas as cautelosas descidas, pensara no príncipe mais novo. Ia contando as horas extra entre mim e Moli. As únicas alturas em que sentia uma força agitar-se dentro de mim era quando sonhava acordado, e espancava Majestoso até o fazer em bocados. Não podia prometer vingança a mim próprio. A vingança era propriedade da coroa. Mas se não podia ter vingança, Majestoso não teria satisfação. Regressaria a Torre do Cervo, e erguer-me-ia, alto, na sua frente, e quando os seus olhos negros caíssem sobre mim, não vacilaria. Tampouco, jurei, Majestoso me veria alguma vez tremer, ou encostar-me a uma parede em busca de

apoio, ou passar uma mão sobre os olhos enevoados. Nunca saberia como estivera perto de ganhar tudo.

E assim, por fim, chegámos a Torre do Cervo, não pela sinuosa estrada litoral, mas vindos dos montes arborizados atrás do castelo. A neve reduziu-se, e depois cessou. Os ventos nocturnos afastaram as nuvens, e uma bela lua fez com que as paredes de pedra de Torre do Cervo brilhassem negras como jade contra o mar. A luz brilhava amarela nos seus torreões, e ao lado do portão lateral. “Estamos em casa,” disse Castro calmamente. Descemos uma última colina, atingimos finalmente a estrada e demos a volta até ao grande portão de Torre do Cervo.

Era um guarda jovem quem tinha o turno da noite. Baixou o pique para nos bloquear a passagem e exigiu saber os nossos nomes.

Castro afastou o capuz da cara, mas o rapaz não se moveu. “Sou Castro, o mestre dos estábulos!” informou-o Castro, incrédulo. “Sou aqui mestre dos estábulos há mais tempo do que o que tu tens de vida, provavelmente. Acho que eu é que devia perguntar-te o que estás a fazer aqui no meu portão!”

Antes que o desorientado rapaz conseguisse responder, ouviu-se uma confusão de ruídos e uma torrente de soldados saiu da casa dos guardas. “E é o Castro!” exclamou o sargento de turno. Castro transformou-se instantaneamente no centro de um aglomerado de homens, todos a gritar saudações e a falar ao mesmo tempo enquanto Mãos e eu nos mantínhamos montados nos nossos cavalos fatigados, na periferia da confusão. O sargento, um tal Espada, acabou por gritar que se calassem, principalmente para que ele pudesse fazer facilmente os seus comentários. “Não estávamos à tua espera até à Primavera, homem,” declarou o velho soldado corpulento. “E mesmo então, disseram à gente que podias não ser o homem que saiu daqui. Mas tens bom aspecto, tens, pois. Um bocado frio, e com roupa estrangeira, e mais uma ou duas cicatrizes, mas és na mesma tu. Disse-se por aí que tavas muito ferido, e que o Bastardo devia morrer. Peste ou veneno, era o que se dizia.”

Castro riu-se e estendeu os braços, para que todos pudessem admirar o seu trajo de Montanha. Por um momento vi Castro como eles deviam vê-lo, com as calças acolchoadas de púrpura e amarelo, o casacão e os borzeguins. Já não me interrogava sobre o modo como tínhamos sido interpelados ao portão. Mas interrogava-me sobre os rumores.

“Quem disse que o Bastardo ia morrer?” perguntei com curiosidade.

“Quem pergunta?” retorquiu Espada. Olhou de relance o meu traje, olhou-me nos olhos, e não me reconheceu. Mas quando me endireitei no cavalo, teve um sobressalto. Ainda hoje creio que reconheceu Fuligem e que foi assim que me reconheceu a mim. Não escondeu o choque.

“Fitz? És quase metade do que eras! Tens ar de quem apanhou a Praga do Sangue.” Foi o primeiro indício que tive do mau aspecto que apresentava àqueles que me conheciam.

“Quem disse que eu tinha sido envenenado ou atingido pela praga?” Repeti a pergunta em voz baixa.

Espada hesitou e deitou um relance por sobre o ombro. “Oh, ninguém. Bem, ninguém em especial. Sabes como é. Quando não voltaste com os outros, bom, houve quem imaginou isto, outros imaginaram aquilo, e depressa foi como se soubéssemos. Rumores, falatório de casa dos guardas. Mexericos de soldados. Perguntávamos a nós próprios porque não tinhas voltado, é só isso. Ninguém acreditava em nada do que se dizia. Espalhamos demasiados boatos para dar algum crédito a mexericos. Só nos perguntávamos porque é que tu, Castro e Mãos não tinham voltado.”

Por fim compreendeu que se estava a repetir e caiu no silêncio perante o meu olhar. Permite que o silêncio se estendesse o suficiente para deixar claro que não tencionava responder à sua questão. Então, afastei-a com um encolher de ombros. “Não há problema, Espada. Mas podes dizer-lhes a todos que o Bastardo ainda não está acabado. Pragas ou venenos, deviam saber que Castro me medicaria e me faria recuperar. Estou vivo e bem; só pareço um cadáver.”

“Oh, Fitz, moço, não era isso que eu queria dizer. É só que...”

“Eu disse que não havia problema, Espada. Deixa lá isso.”

“Muito bem, senhor,” respondeu ele.

Fiz um aceno e olhei para Castro, encontrando-o a fitar-me estranhamente. Quando me virei para trocar um olhar confundido com Mãos, descobri a mesma surpresa na cara dele. Não consegui adivinhar o motivo.

“Bem, uma boa noite, Sargento. Não ralhes com o homem do pique. Ele fez bem em fazer parar estranhos ao portão de Torre do Cervo.”

“Sim, senhor. Boa noite, senhor.” Espada fez-me uma continência hirta e os grandes portões de madeira escancararam-se à nossa frente enquanto entrávamos na fortaleza. Fuligem ergueu a cabeça e alguma da fadiga saiu-lhe de cima. Atrás de mim, o cavalo de Mãos soltou um suave relincho e o de Castro resfolegou. Nunca antes tinha o caminho da muralha da fortaleza ao estábulo parecido tão longo. Enquanto Mãos desmontava, Castro pegou-me na manga e refreou-me. Mãos saudou o moço de estrebaria sonolento que apareceu para nos iluminar o caminho.

“Estivemos durante algum tempo no Reino da Montanha, Fitz,” acautelou-me Castro em voz baixa. “Lá em cima, a ninguém interessa o lado dos lençóis em que nasceste. Mas agora estamos em casa. Aqui, o filho de Cavalaria não é um príncipe, mas um bastardo.”

“Eu sei disso.” Senti-me atingido pela franqueza dele. “Soube-o toda a minha vida. Vivi-o toda a minha vida.”

“É verdade,” concedeu. Uma estranha expressão subiu-lhe, furtiva, ao rosto, um sorriso meio incrédulo e meio orgulhoso. “Então porque estás tu a exigir relatórios ao sargento e a distribuir louvores cheio de vivacidade como se fosses o próprio Cavalaria? Quase não acreditei no modo como falaste, e como aqueles homens se puseram às tuas ordens. Nem sequer reparaste no modo como eles te responderam, nem sequer te apercebeste de que te ergueste e me tiraste o comando.”

Senti um lento rubor subir-me ao rosto. No Reino da Montanha todos me tinham tratado como se fosse de facto um príncipe, em vez do bastardo de um príncipe. Ter-me-ia acostumado assim tão depressa a esse estatuto mais elevado?

Castro riu-se baixinho da minha expressão, mas rapidamente se pôs sério. “Fitz, tens de reencontrar a cautela. Mantém os olhos baixos e não ergas a cabeça como um jovem garanhão. Majestoso tomá-lo-á como um desafio, e isso é algo que não estamos prontos a enfrentar. Ainda não. Talvez nunca.”

Anuí sombriamente, de olhos postos na neve batida do pátio dos estábulos. Tinha-me tornado incauto. Quando fizesse o relatório a Breu, o velho assassino não ficaria satisfeito com o seu aprendiz. Teria de responder por isso. Não duvidava de que ele saberia tudo sobre o incidente ao portão antes de me voltar a chamar.

“Não sejas mandrião. Desce daí, rapaz.” Castro interrompeu-me os pensamentos abruptamente. Saltei em obediência ao seu

tom de voz, e apercebi-me de que também ele estava a ter de se reajustar às nossas posições comparativas em Torre do Cervo. Quantos anos tinha eu passado como seu moço de estrebaria e protegido? Era melhor que retomássemos esses papéis tão fielmente quanto possível. Evitaria mexericos de cozinha. Desmontei e, levando Fuligem pela arreata, segui Castro para os estábulos.

Lá dentro fazia calor e havia pouco espaço. O negrume e frio da noite de Inverno ficavam fechados do lado de fora pelas espessas paredes de pedra. Ali era a minha casa, as lanternas brilhavam, amarelas, e os cavalos respiravam lenta e profundamente. Mas à medida que Castro ia passando, os estábulos voltavam à vida. Nem um cavalo ou cão que ali estivesse deixou de lhe sentir o odor e de se erguer para o saudar. O mestre dos estábulos estava em casa, e era recebido calorosamente por aqueles que o conheciam melhor. Dois moços de estrebaria rapidamente se puseram a seguir-nos, tagarelando em simultâneo sobre as mais insignificantes novidades acerca de falcões, cães ou cavalos. Castro estava ali em pleno comando, acenando sabiamente e fazendo uma ou duas perguntas concisas enquanto ia absorvendo cada detalhe. A sua reserva só se quebrou quando a sua velha cadela de caça Raposa veio saudá-lo, caminhando rigidamente. Caiu sobre um joelho para a abraçar e esmurrar e ela contorceu-se como se fosse um cachorro e tentou lambe-lhe a cara. “Ora aqui está um cão a sério,” disse ele, saudando-a. Então voltou a erguer-se, para prosseguir a sua ronda. Ela seguiu-o, balouçando os quartos traseiros com cada sacudidela da cauda.

Deixei-me ficar para trás, sentindo o calor a roubar-me a força dos membros. Um rapaz voltou a correr para deixar uma lâmpada comigo, e depois apressou-se a ir prestar tributo a Castro. Cheguei à cocheira de Fuligem e destranquei a porta. A égua entrou avidamente, resfolegando o seu apreço. Pousei a luz na respectiva prateleira e olhei em volta. Casa. Aquilo era a minha casa, mais do que o meu quarto no castelo, mais do que qualquer outro sítio no mundo. Uma cocheira no estábulo de Castro, em segurança nos seus domínios, uma das suas criaturas. Se ao menos pudesse fazer os dias voltar para trás, submergir-me na palha profunda e puxar uma manta de cavalo para cima da cabeça.

Fuligem voltou a resfolegar, desta vez em tom de censura. Tinha-me transportado ao longo de todos aqueles dias e de todos aqueles caminhos, e merecia todo o conforto que lhe pudesse dar.

Mas todas as fivelas resistiam aos meus dedos entorpecidos e fatigados. Arrastei-lhe a sela de cima do dorso e estive muito perto de a deixar cair. Levei um tempo infinito a remexer-lhe nos freios, com o metal brilhante das fivelas a dançar em frente aos meus olhos. Por fim, fechei-os, e deixei que os dedos trabalhassem sozinhos para lhe tirar os freios. Quando abri os olhos, Mãos estava a meu lado. Fiz-lhe um aceno e os freios caíram-me dos dedos sem vida. Ele olhou-os de relance, mas nada disse. Limitou-se a despejar o balde de água fresca que tinha trazido no bebedouro de Fuligem, e serviu-lhe aveia e foi buscar uma braçada de feno doce ainda com muita verdura agarrada. Eu pegara nas escovas de Fuligem quando ele estendeu o braço e mas tirou das débeis mãos. “Eu faço isso,” disse ele em voz baixa.

“Cuida primeiro do teu cavalo,” repreendi-o.

“Já cuidei, Fitz. Olha. Não podes fazer um bom trabalho com ela. Deixa-me fazê-lo. Quase nem consegues manter-te em pé. Vai descansar.” E acrescentou, quase com gentileza: “Noutra altura, quando montarmos juntos, poderás tratar de Coração Valente por mim.

“Castro esfola-me se eu deixar os cuidados do meu animal para outra pessoa.”

“Não esfola nada. Ele não deixaria um animal ao cuidado de alguém que quase não se sustém em pé,” observou Castro de fora da cocheira. “Deixa Fuligem com o Mãos, rapaz. Ele conhece o seu trabalho. Mãos, encarrega-te aqui das coisas por um bocado. Quando acabares com Fuligem, vai ver aquela égua pintalgada na ponta sul dos estábulos. Não sei quem é o seu dono ou de onde ela veio, mas parece-me doente. Se achares que está, diz aos moços para a separar dos outros cavalos e lava a cocheira com vinagre. Eu volto dentro de um bocado depois de levar FitzCavalaria para os seus aposentos. Trago-te comida, e vamos comê-la no meu quarto. Ah. E diz a um moço para nos acender aí a lareira. Provavelmente está frio como uma gruta, lá em cima.

Mãos fez um aceno, já ocupado com o meu cavalo. Fuligem tinha o focinho enfiado na aveia. Castro pegou-me no braço. “Vem daí,” disse, como se falasse com um cavalo. Dei por mim a apoiar-me involuntariamente nele enquanto percorríamos a longa fileira de cocheiras. À porta, ele pegou numa lanterna. A noite pareceu mais fria e mais escura depois do calor dos estábulos. Enquanto percorríamos o caminho gelado até às cozinhas, a neve recomeçou a cair. A mi-

nha mente rodopiava e pairava com os flocos. Não tinha a certeza do sítio onde tinha os pés. “Agora está tudo mudado, para sempre,” observei para a noite. As minhas palavras afastaram-se a turbilhonar com os flocos de neve.

“O que é que está mudado?” perguntou Castro com cautela. O seu tom de voz revelava a preocupação de que eu pudesse estar a ficar de novo febril.

“Tudo. Como me tratas. Quando não estás a pensar nisso. Como Mãos me trata. Há dois anos ele e eu éramos amigos. Apenas dois rapazes que trabalhavam nos estábulos. Mas esta noite, tratou-me como um fracote enfermiço qualquer... nem sequer alguém que possa insultar a esse respeito. Como se eu simplesmente devesse esperar que ele fizesse coisas daquelas por mim. Os homens ao portão nem sequer me reconheceram. Até tu, Castro. Há seis meses ou um ano, se eu adoecesse ter-me-ias arrastado para o teu sobrado e medicado como se fosse um cão de caça. E se eu me queixasse, não mostrarias nenhuma tolerância. Agora levas-me até às portas das cozinhas e...”

“Pára de choramingar,” disse Castro com impaciência. “Pára de te queixar e pára de ter pena de ti próprio. Se Mãos tivesse o aspecto que tu tens, farias o mesmo por ele.” Quase involuntariamente, acrescentou: “As coisas mudam, porque o tempo passa. Mãos não deixou de ser teu amigo. Mas não és o mesmo rapaz que deixou Torre do Cervo na altura das colheitas. Esse Fitz era um moço de recados de Veracidade, e tinha sido meu moço de estrebaria, mas não era muito mais do que isso. Um bastardo real, sim, mas isso parecia ter pouca importância para toda a gente além de mim. Mas lá em cima em Jhaampe, no Reino da Montanha, revelaste ser mais do que isso. Não importa se tens a cara pálida ou se quase não consegues caminhar depois de um dia na sela. Movimentas-te como o filho de Cavalaria deveria movimentar-se. É isso o que transparece no teu porte, e foi a isso que aqueles guardas responderam. E Mãos também.” Inspirou e fez uma pausa para abrir a pesada porta da cozinha com o ombro. “Até eu, que Eda nos ajude a todos,” acrescentou num murmúrio.

Mas então, como que para desmentir as próprias palavras, levou-me para a sala de turno junto à cozinha e despejou-me sem cerimónia num dos longos bancos junto à riscada mesa de madeira. A sala de turno cheirava incrivelmente bem. Era para ali que qualquer

soldado, por mais enlameado, coberto de neve ou embriagado que estivesse, podia ir para obter conforto. Tempero mantinha sempre ali um caldeirão de guisado em lume brando, e pão e queijo esperavam sobre a mesa, tal como uma fatia de amarela manteiga de Verão, vinda da despensa profunda. Castro serviu-nos tigelas de guisado quente com cevada e canecas de cerveja fria para acompanhar o pão, a manteiga e o queijo.

Durante um momento limitei-me a olhar a comida, demasiado fatigado para erguer uma colher. Mas o cheiro tentou-me a meter algo na boca e foi o suficiente. A meio da refeição fiz uma pausa para despir o casacão e partir outra fatia de pão. Ergui os olhos da segunda tigela para ir encontrar Castro a olhar-me divertido. “Melhor?”, perguntou.

Parei para pensar. “Sim.” Estava quente, alimentado e, embora estivesse cansado, tratava-se de uma fadiga boa, uma fadiga que podia ser curada com um simples sono. Ergui a mão e olhei-a. Ainda conseguia sentir os tremores, mas já não eram evidentes à vista. “Muito melhor.” Pus-me em pé, e descobri que as pernas estavam firmes debaixo de mim.

“Agora estás capaz de ir fazer o relatório ao Rei.”

Fitei-o, incrédulo. “Agora? Esta noite? O Rei Sagaz já está há muito na cama. Não passarei pelo guarda à sua porta.”

“Talvez não, e deverás ficar grato por isso. Mas pelo menos tens de te fazer aí anunciar esta noite. A decisão sobre o momento de te receber cabe ao rei. Se fores mandado embora, então poderás ir para a cama. Mas eu aposto que se o Rei Sagaz não te quiser ver, o Rei Expectante Veracidade quererá na mesma um relatório. E já, provavelmente.”

“Vais voltar para os estábulos?”

“Claro.” Sorriu com uma auto-satisfação lupina. “Eu cá sou só o mestre dos estábulos, Fitz. Não tenho nada a relatar. E prometi a Mãos que lhe levava qualquer coisa para comer.”

Observei-o em silêncio a encher uma escudela. Cortou o pão no sentido do comprimento e cobriu duas tigelas de guisado quente com uma fatia, após o que acrescentou uma cunha de queijo e uma grossa fatia de manteiga amarela.

“Que pensas de Mãos?”

“É um bom rapaz,” disse Castro de má vontade.

“É mais do que isso. Escolheste-o para ficar no Reino da Mon-

tanha e vir para casa connosco, enquanto mandavas todos os outros embora com a caravana principal.”

“Precisava de alguém que fosse estável. Nessa altura tu estavas... muito doente. E eu não estava muito melhor, há que dizer.” Levou uma mão a uma madeixa branca no seu cabelo escuro, testemunho do golpe que quase o matara.

“Como foi que o escolheste?”

“Na verdade não escolhi. Ele veio ter comigo. Ele descobriu onde nos tinham alojado, não sei como, e depois conseguiu convencer Jonqui a deixá-lo entrar. Eu ainda tinha a cabeça ligada e quase não conseguia obrigar os olhos a focar-se. Senti-o ali em pé mais do que o vi. Perguntei-lhe o que queria, e ele disse-me que eu precisava de pôr alguém no comando, porque comigo doente e Garrano desaparecido, o trabalho nos estábulos estava a tornar-se descuidado.”

“E isso impressionou-te.”

“Ele foi direito ao que interessava. Nada de perguntas inúteis sobre mim, ou sobre ti, ou sobre o que se estava a passar. Encontrara aquilo que podia fazer, e tinha vindo fazê-lo. Gosto disso num homem. Saber o que pode fazer, e fazê-lo. De modo que o pus no comando. Ele saiu-se bem. Mantive-o comigo quando enviei os outros para casa porque sabia que podia precisar de um homem capaz de fazer isso. E também para ver com os meus próprios olhos o que ele era. Seria só ambição, ou haveria nele uma compreensão genuína daquilo que um homem deve a um animal quando afirma ser seu dono? Queria ele poder sobre os subalternos, ou o bem-estar dos animais?”

“E que pensas dele agora?”

“Não sou tão novo como já fui. Acho que ainda pode haver um bom mestre dos estábulos em Torre do Cervo quando eu já não conseguir lidar com um garanhão de mau temperamento. Não que eu conte em deixar o trabalho em breve. Ele ainda tem muito a aprender. Mas ainda somos ambos suficientemente novos, ele para aprender e eu para ensinar. Encontro nisso satisfação.”

Fiz um aceno com a cabeça. Um dia, supunha eu, ele planeava que esse lugar fosse para mim. Agora ambos sabíamos que isso nunca aconteceria.

Ele virou-se para se ir embora. “Castro,” disse eu em voz baixa. Ele fez uma pausa. “Ninguém pode substituir-te. Obrigado. Por tudo

o que fizeste ao longo destes últimos meses. Devo-te a vida. Não foi só teres-me salvo da morte. Mas deste-me a vida e quem sou. Desde os meus seis anos. Cavalaria foi o meu pai, eu sei. Mas nunca o conheci. Tu serviste-me de pai dia a dia, durante uma porção de anos. Nem sempre estimei...”

Castro resfolegou e abriu a porta. “Guarda discursos como esse para quando um de nós estiver a morrer. Vai fazer o teu relatório, e depois vai para a cama.”

“Sim, senhor,” ouvi-me a dizer, e soube que ele já sorria enquanto o dizia. Encostou um ombro à porta e levou o jantar de Mãos para os estábulos. Aí, estava em casa.

E aquilo, ali, era a minha casa. Era tempo de eu lidar com esse facto. Demorei um momento a endireitar a roupa húmida que envergava e passei uma mão pelo cabelo. Levantei a mesa e dobrei o casacão molhado sobre o braço.

Enquanto saía da cozinha e entrava no corredor e depois no Grande Salão, senti-me baralhado com o que estava a ver. Brilhariam as tapeçarias mais vivamente do que dantes? Teriam as ervas no chão cheirado sempre tão bem, e a madeira trabalhada de todas as portas reluzido sempre tão calorosamente? Durante um breve momento, atribuí essas mudanças ao meu alívio por finalmente estar em casa. Mas quando fiz uma pausa na base da grande escadaria para pegar numa vela que me iluminasse o caminho até ao meu quarto, reparei que a mesa, ali, não se encontrava salpicada de cera, e mais, que um pano bordado a decorava.

Kettricken.

Havia agora uma rainha em Torre do Cervo. Dei por mim com um sorriso tolo no rosto. Muito bem. Este grande castelo fortificado sofrera uma inspecção na minha ausência. Teria Veracidade posto mãos à obra, as suas e as do seu povo, antes da chegada dela, ou teria a própria Kettricken exigido esta vasta limpeza? Seria interessante descobrir.

Ao subir a grande escadaria, reparei noutras coisas. As antigas marcas de fuligem por cima de todas as arandelas tinham desaparecido. Nem mesmo os cantos dos degraus tinham poeira. Não havia teias de aranha. Os candelabros estavam cheios e brilhantes de velas em todos os patamares. E em cada patamar, um armário continha armas, prontas para a defesa. Então era aquilo que significava ter uma rainha a residir no castelo. Mas nem mesmo quando a rainha

de Sagaz era viva me lembrava de Torre do Cervo parecer ou cheirar tão a limpo ou de estar tão bem iluminada.

O guarda à porta do Rei Sagaz era um veterano de rosto severo que eu conhecia desde os seis anos. Como homem calado que era, examinou-me bem, e então reconheceu-me. Concedeu-me um breve sorriso enquanto perguntava: “Algo de crítico a relatar, Fitz?”

“Só que estou de volta,” disse, e ele fez um aceno conhecedor. Estava habituado às minhas idas e vindas, com frequência a umas horas muito estranhas, mas não era homem para fazer suposições ou tirar conclusões, ou até para falar com aqueles que poderiam fazer tudo isso. De modo que entrou silenciosamente nos aposentos do rei para transmitir a alguém a notícia de que Fitz estava ali. Num momento voltou com a informação de que o rei me convocaria quando lhe fosse conveniente, mas também que estava feliz por eu estar a salvo. Afastei-me em silêncio da sua porta, dando mais significado à mensagem do que se aquelas palavras tivessem vindo de qualquer outro homem. Sagaz nunca proferia nada bem-educados.

Mais adiante no mesmo corredor ficavam os aposentos de Veracidade. Aí voltei a ser reconhecido, mas quando pedi ao homem que informasse Veracidade de que eu estava de volta e desejava fazer um relatório, ele respondeu que o Príncipe Veracidade não se encontrava nos seus aposentos.

“Então está na sua torre?”, perguntei, curioso com aquilo que ele poderia estar a vigiar naquela época do ano. As tempestades de Inverno mantinham a nossa costa a salvo de Salteadores ao menos durante aqueles poucos meses do ano.

Um sorriso lento insinuou-se no rosto do guarda. Quando viu o meu olhar confundido, o sorriso abriu-se mais. “O Príncipe Veracidade não está neste momento nos seus aposentos,” repetiu. E então acrescentou: “Assegurar-me-ei de que ele recebe a tua mensagem assim que acorde de manhã.”

Fiquei ali em pé durante mais um momento, estúpido como um poste. Então virei-me e afastei-me em silêncio. Sentia uma espécie de pasmo. Ter uma rainha em Torre do Cervo também significava aquilo.

Trepei mais dois lanços de escadas, e percorri o corredor até ao meu quarto. Cheirava a bafio, e não havia fogo na lareira. Estava frio de desuso, e empoeirado. Ali não havia nenhum toque de mão de mulher. O quarto parecia tão nu e desprovido de cor como

uma cela. Mas apesar de tudo era mais quente do que uma tenda na neve, e a cama de penas era tão mole e funda como eu a recordava. Desembaracei-me do vestuário de viagem enquanto caminhava para a cama. Caí nela e no sono.

Renovando Laços

A mais antiga referência aos Antigos na biblioteca de Torre do Cer-vo é um pergaminho em mau estado. Vagas descolorações no velo sugerem que proveio de um animal com duas cores, malhado de uma maneira que não é familiar a nenhum dos nossos caçadores. A tinta usada para a escrita é feita de tinta de lula e raiz de campainha. Resistiu bem ao teste do tempo, muito melhor do que as tintas coloridas que originalmente forneceram ilustrações e iluminuras ao texto. Essas não só desbotaram e esborrataram, como em muitos pontos atraíram a atenção de uma espécie de ácaro que roeu e endureceu o pergaminho anteriormente flexível, fazendo com que partes do rolo se tornassem demasiado quebradiças para serem desenroladas.

Infelizmente, os danos estão mais concentrados nas partes internas do rolo, que se debruçam sobre porções da demanda do Rei Sabedoria que não se encontram registadas em mais sítio nenhum. A partir desses restos fragmentários, podia-se respigar a grave necessidade que o levava a procurar a pátria dos Antigos. Os seus problemas eram-me familiares; navios atacavam sem misericórdia a sua linha de costa. Fragmentos sugerem que ele partiu na direcção do Reino da Montanha. Não sabemos por que motivo suspeitou de que essa direcção o levaria à terra dos míticos Antigos. Infelizmente as últimas etapas da sua viagem e o encontro com os Antigos parecem ter sido ricamente ilustrados, pois aí o pergaminho está reduzido a uma teia rendada

de desesperadores bocados de palavras e fragmentos de corpos. Nada sabemos sobre esse primeiro encontro. Tampouco temos alguma indicação sobre o modo como ele induziu os Antigos a se tornarem seus aliados. Muitas canções, ricas em metáforas, contam o modo como os Antigos desceram, como “tempestades”, como “ondas de maré”, como “a vingança feita ouro” e “fúria corporizada numa carne de pedra” para expulsar os Salteadores das nossas costas. As lendas também dizem que eles juraram a Sabedoria que se algum dia os Seis Ducados tivessem necessidade da sua ajuda, voltariam a erguer-se em nossa defesa. É possível conjecturar; muitos fizeram-no, e a variedade de lendas que rodeiam esta aliança são prova disso mesmo. Mas o relato do escriba do Rei Sabedoria sobre o acontecimento perdeu-se definitivamente para o míldio e os vermes.

O meu quarto tinha uma única janela alta que dava para o mar. No Inverno, uma portada de madeira mantinha os ventos tempestuosos do lado de fora, e uma tapeçaria pendurada sobre ela dava-me ao quarto uma ilusão de calor aconchegante. E assim acordei na escuridão, e fiquei algum tempo deitado, em silêncio, a orientar-me. Gradualmente, os subtis sons da fortaleza infiltraram-se até mim. Sons matinais. Sons muito matinais. Lar, compreendi. Torre do Cervo. E no instante seguinte disse em voz alta para a escuridão: “Moli.” O corpo ainda me doía, ainda se sentia fatigado. Mas não exausto. Saí desajeitadamente da cama para o frio do meu quarto.

Tropecei até à lareira há muito sem uso e acendi uma pequena fogueira. Em breve iria precisar de trazer para cima mais lenha. As chamas dançarinas emprestaram ao quarto uma inconstante luz amarela. Tirei roupas da arca que tinha aos pés da cama, e descobri com estranheza que o vestuário me servia mal. A longa doença desgastara-me os músculos, mas mesmo assim conseguira de algum modo que os braços e as pernas se tornassem mais longos. Nada me servia. Peguei na camisa que usara no dia anterior, mas uma noite passada numa cama limpa refrescara-me o nariz. Já não conseguia suportar o cheiro de vestuário manchado pela viagem. Voltei a esgravatar na arca da roupa. Encontrei uma suave camisa castanha que em tempos me ficara longa demais nas mangas, e agora servia à justa. Vesti-a com as calças acolchoadas de montanha e os borzeguins.

Não duvidava de que assim que encontrasse a Dama Paciência ou a Dona Despachada, seria atacado e a situação remediada. Mas não, esperava eu, antes do pequeno-almoço e de uma deslocação à Cidade de Torre do Cervo. Havia aí vários sítios onde poderia obter notícias de Moli.

Encontrei o castelo a agitar-se, mas ainda não inteiramente desperto. Comi na cozinha, como fazia em criança, achando que ali, como sempre, o pão era mais fresco e as papas de aveia mais doces. Tempero exclamou quando me viu, num minuto a fazer um comentário sobre o que eu tinha crescido, e no seguinte a lamentar-se sobre como parecia magro e desgastado. Supus que antes de o dia terminar ficaria pelos cabelos com esses comentários. Quando o tráfego na cozinha aumentou, fugi, levando comigo uma grossa fatia de pão bem barrado de manteiga e carregado de frutos de rosa canina de conserva. Dirigi-me de volta ao meu quarto para arranjar um manto de Inverno.

Em cada aposento por onde passava, encontrei mais sinais da presença de Kettricken. Uma espécie de tapeçaria, tecida com ervas de várias cores e representando uma cena de montanha decorava agora a parede do Salão Menor. Não se arranjavam flores nesta época do ano, mas em lugares estranhos encontrei bacias de cerâmica cheias de seixos, que sustinham ramos despídos mas graciosos, ou cardos ou tábuas secas. As mudanças eram pequenas mas inconfundíveis.

Dei por mim numa das secções mais antigas de Torre do Cervo, e depois a subir os degraus empoeirados que levavam à torre de vigia de Veracidade. Dominava uma larga extensão da nossa costa marítima, e às suas altas janelas Veracidade mantinha a vigília estival em busca de navios atacantes. Era aí que se dedicava à magia do Talento que mantinha os Salteadores afastados, ou pelo menos nos dava algum aviso da sua vinda. Por vezes era uma frágil defesa. Ele devia ter um círculo de subalternos treinados no Talento para o ajudar. Mas eu próprio, apesar do meu sangue bastardo, nunca fora capaz de controlar as minhas capacidades aleatórias. Galeno, o nosso Mestre do Talento, morrera antes de treinar no Talento mais do que uma mão-cheia de pupilos. Não havia ninguém para o substituir, e àqueles que ele treinara faltava uma verdadeira comunhão com Veracidade. E assim Veracidade usava sozinho o Talento contra os nossos inimigos. Isso envelhecera-o antes do tempo. Eu preocupava-me

com a possibilidade de ele se gastar e sucumbir à fraqueza viciante daqueles que usavam demasiado o Talento.

Quando cheguei ao topo das escadas em espiral da torre, estava sem fôlego e doíam-me as pernas. Empurrei a porta e ela cedeu com facilidade, rodando sobre dobradiças oleadas. Obedecendo a um longo hábito, entrei na sala em silêncio. Na verdade, não esperava encontrar ali Veracidade ou outra pessoa qualquer. As tempestades marinhas eram os nossos vigias no Inverno, defendendo-nos as costas contra os Salteadores. Pestanejei perante a súbita luz cinzenta da manhã que jorrava das janelas abertas da torre. Veracidade era uma silhueta escura contra um céu cinzento de tempestade. Não se virou. “Fecha a porta,” disse em voz baixa. “A corrente de ar que sobe pelas escadas acima torna esta sala tão ventosa como uma chaminé.”

Foi o que fiz, e depois parei, tremendo de frio. O vento trazia consigo o odor do mar, e eu inspirei-o como se fosse a própria vida. “Não esperava encontrar-vos aqui,” disse.

Ele manteve os olhos na água. “Ah não? Então porque vieste?” Havia divertimento na sua voz.

Isso sobressaltou-me. “Não sei bem. Dirigia-me ao meu quarto...” A minha voz sumiu-se quando tentei recordar o motivo por que tinha vindo até ali.

“Eu usei o Talento em ti,” disse ele simplesmente.

Fiquei em silêncio e a pensar. “Não senti nada.”

“Não pretendi que sentisses. É como te disse há muito tempo. O Talento pode ser um suave murmúrio ao ouvido de alguém. Não tem de ser um grito de comando.”

Virou-se lentamente para me encarar, e quando os olhos se me ajustaram à luz, o meu coração saltou de alegria com a mudança que vi nele. Quando deixara Torre do Cervo, na época das colheitas, fora uma sombra gasta, esmaecido pelo peso dos seus deveres e pela vigília constante. O seu cabelo escuro ainda estava salpicado de cinzento, mas havia de novo músculo no corpo entroncado, e a vitalidade dardejava nos seus olhos escuros. Tinha todo o aspecto de um rei.

“O casamento parece jogar bem convosco, meu príncipe,” disse eu tolamente.

Aquilo perturbou-o. “Em alguns aspectos,” concedeu, enquanto um rubor juvenil lhe subia às bochechas. Voltou-se rapidamente para a janela. “Anda ver os meus navios,” ordenou.

Foi a minha vez de ficar desconcertado. Aproximei-me da ja-

nela, a seu lado, e olhei para o porto, e depois para o próprio mar. “Onde?”, perguntei, desorientado. Ele pegou-me nos ombros e virou-me para o estaleiro. Um longo edifício semelhante a um celeiro, feito de pinho novo e amarelo, fora aí erigido. Homens entravam e saíam dele enquanto fumo se erguia das suas chaminés e forjas. Várias das imensas árvores que tinham sido a oferta de noivado que Kettricken lhe fizera viam-se escuras contra a neve.

“Às vezes, quando estou aqui em cima numa manhã de Inverno, olho para o mar e quase consigo ver os Navios Vermelhos. Eu sei que eles virão. Mas por vezes também vejo os navios que teremos para os defrontar. Eles não encontrarão a sua presa tão indefesa nesta Primavera, meu rapaz. E no próximo Inverno tenciono ensinar-lhes o que é ser atacado.” Falava com uma satisfação selvagem que teria sido assustadora se eu não a partilhasse. Senti que o meu sorriso reflectia o dele quando os nossos olhos se encontraram.

E então a expressão dele mudou. “Tens um aspecto terrível,” disse. “Tão mau como a roupa que trazes. Vamos para algum sítio mais quente arranjar-te um pouco de vinho aquecido e qualquer coisa para comer.”

“Já comi,” disse-lhe. “E estou muito melhor do que estava há alguns meses, obrigado.”

“Não sejas susceptível,” aconselhou-me. “E não me digas o que eu já sei. Nem me mintas. A subida das escadas deixou-te exausto, e estás aí a tremer.”

“Estais a usar o Talento em mim,” acusei, e ele confirmou com a cabeça.

“Já há alguns dias que tenho estado consciente da tua aproximação. Tentei várias vezes sondar na tua direcção, mas não consegui que tomasses consciência de mim. Fiquei preocupado quando deixaram a estrada, mas compreendo o cuidado de Castro. Alegra-me que ele tenha tratado tão bem de ti; não só em trazer-te para casa em segurança, mas em tudo aquilo que aconteceu em Jhaampe. Não faço ideia de como recompensá-lo. Terá de ser subtil. Tendo em conta quem esteve envolvido, não poderá haver um agradecimento público. Tens alguma sugestão?”

“Uma palavra de agradecimento vinda de vós será tudo o que ele aceitará. Ofendê-lo-ia se pensásseis que ele precisava de mais. O que eu sinto é que nenhum objecto que lhe désseis poderia igualar aquilo que ele fez por mim. O modo de lidar com ele é dizer-lhe para

fazer a sua escolha entre os potros de dois anos, pois o seu cavalo está a ficar velho. Ele compreenderá.” Reflecti com cuidado. “Sim. Podíeis fazer isso.”

“Ah podia?” perguntou-me Veracidade com secura. Havia um gume ácido no divertimento que mostrava na voz.

Fiquei subitamente espantado com a minha ousadia. “Esqueci-me da minha condição, meu príncipe,” disse com humildade.

Um sorriso curvou-lhe os lábios, e a sua mão caiu-me sobre o ombro numa palmada pesada. “Bem, eu perguntei, não foi? Por um momento poderia ter jurado que era o velho Cavalaria quem me instruía sobre como lidar com os meus homens, em vez do meu jovem sobrinho. A tua viagem a Jhaampe mudou-te bastante, rapaz. Vem. Falava a sério quando mencionei um lugar mais quente e um copo de qualquer coisa. Ketticken ainda quererá ver-te mais tarde. E Paciência também, imagino.

O meu coração afundou-se enquanto ele empilhava as tarefas que me aguardavam. A Cidade de Torre do Cervo atraía-me como um íman. Mas aquele era o meu rei expectante. Dobrei a cabeça à sua vontade.

Deixámos a torre e eu segui-o pelas escadas abaixo, conversando sobre coisas inconsequentes. Ele disse-me para dizer à Dona Despachada que eu precisava de roupa nova; eu perguntei por Leão, o seu lobeiro. Ele fez parar um rapaz no corredor e pediu-lhe para trazer vinho e empadões de carne para o seu estúdio. Segui-o, não para os seus aposentos, mas para uma sala situada mais abaixo, que me era ao mesmo tempo familiar e estranha. Da última vez que lá estivera, Penacarriço, o escriba, usava-a para escolher e secar ervas, conchas e raízes, a fim de fazer as suas tintas. Todos os sinais dessa actividade tinham sido limpos. Um fogo pouco intenso ardia na pequena lareira. Veracidade espevitou-o e acrescentou-lhe lenha enquanto eu olhava em volta. Havia uma grande mesa esculpida de carvalho e duas mais pequenas, uma porção de cadeiras, um armário de pergaminhos, e uma desgastada estante juncada dos mais diversos objectos. O início de um mapa dos Estados de Calcede encontrava-se estendido na mesa. Os seus cantos encontravam-se presos com um punhal e três pedras. Vários bocados de pergaminho que juncavam o tampo da mesa estavam cobertos com a letra de Veracidade e esboços preliminares com notas neles arranhadas. A desordem amigável que cobria as duas mesas menores e várias

das cadeiras parecia familiar. Após um momento reconheci-a como a camada das posses de Veracidade que anteriormente estivera espalhada no seu quarto. Veracidade ergueu-se depois de espezinhar o fogo e sorriu tristemente perante as minhas sobranceiras erguidas. “A minha rainha expectante tem pouca paciência para a desarrumação. ‘Como é que’, perguntou-me, ‘podeis esperar criar linhas precisas no meio de uma tal desordem?’ O quarto dela tem a precisão de um acampamento militar. De modo que me escondo aqui em baixo, pois depressa descobri que num quarto limpo e espaçoso não consigo produzir rigorosamente nada. Além disso, fornece-me um lugar para conversas calmas, onde nem todos sabem procurar-me.”

Mal acabara de falar, e a porta abriu-se para deixar entrar Carimo com uma bandeja. Saudei com um aceno o criado de Veracidade, o qual não só não pareceu surpreendido por me ver, como acrescentara ao pedido de Veracidade um certo tipo de pão de especiarias de que eu sempre gostara. Andou brevemente de um lado para o outro na sala, arrumando de passagem uma coisa aqui, outra ali, enquanto deslocava alguns livros e pergaminhos para libertar uma cadeira para mim, e depois voltou a desaparecer. Veracidade estava tão acostumado ao homem que quase não pareceu dar por ele, à parte o breve sorriso que trocaram quando Carimo saiu.

“Bom,” disse ele, assim que a porta foi firmemente fechada. “Vamos lá a ouvir um relatório completo. A partir do momento da partida de Torre do Cervo.”

Aquilo não era um simples relato da minha viagem e dos acontecimentos que a rodearam. Eu fora treinado por Breu para ser tanto espião como assassino. E desde os meus primeiros dias, Castro sempre exigira que eu fosse capaz de oferecer um relatório detalhado de qualquer coisa que acontecesse nos estábulos na sua ausência. De modo que, enquanto bebíamos e comíamos, ofereci a Veracidade um relatório de tudo o que vira e fizera desde a partida de Torre do Cervo. Isso foi seguido por um resumo daquilo que concluiria a partir das minhas experiências, e depois pelo que aquilo que ficara a saber me levava a suspeitar. Por essa altura, Carimo regressara com outra refeição. Enquanto a consumíamos, Veracidade limitou a conversa aos seus navios de guerra. Não conseguia esconder o entusiasmo que lhe despertavam. “Mastreixe veio supervisionar a construção. Fui pessoalmente a Fundos Altos para o ir buscar. Ele dizia que agora era um velho. ‘O frio vai-me emperrar os ossos; já não consigo

construir um navio no Inverno,' foi isto que me mandou dizer. De modo que pus os aprendizes a trabalhar e fui pessoalmente buscá-lo. Ele não conseguiu dizer-me que não na cara. Quando cá chegou, levei-o lá abaixo ao estaleiro. E mostrei-lhe o barracão aquecido, suficientemente grande para albergar um navio de guerra, construído para que pudesse trabalhar sem ter frio. Mas não foi isso que o convenceu. O que o convenceu foi o carvalho branco que Kettricken me trouxe. Quando viu a madeira, mal conseguiu esperar para lhe meter uma plaina. O grão é direito e firme duma ponta à outra. O fabrico das tábuas já vai avançado. Vão ser uns navios adoráveis, com rodas de proa recurvas, sinuosos como serpentes na água." O entusiasmo jorrava dele. Quase conseguia imaginar o subir e descer dos remos, o enfunar das velas quadradas quando estivessem em viagem.

Então os pratos e talheres foram empurrados para o lado, e ele pôs-se a interrogar-me sobre os acontecimentos de Jhaampe. Obrigou-me a voltar a olhar cada incidente separado de todos os pontos de vista possíveis. Quando terminou, eu voltara a viver todo o episódio e a ira que sentia pela traição estava de novo fresca e vívida.

Veracidade não ficou cego a ela. Recostou-se na cadeira para alcançar mais um bocado de lenha. Atirou-o para a lareira, fazendo com que uma chuva de faúlhas subisse pela chaminé. "Tens perguntas a fazer," observou. "Desta vez podes fazê-las." Dobrou calmamente as mãos sobre o regaço, e esperou.

Tentei controlar a emoção. "O Príncipe Majestoso, vosso irmão," comecei com cautela, "é culpado da mais alta das traições. Organizou a morte do irmão mais velho da vossa esposa, o Príncipe Rurisk. Tentou pôr em prática um plano que teria resultado na vossa morte. O seu objectivo era usurpar-vos tanto a coroa como a esposa. Como pouco mais que tempero, tentou matar-me por duas vezes. E a Castro." Fiz uma pausa para respirar, forçando o coração e a voz a regressar à calma.

"Tanto tu como eu aceitamos essas coisas como verdade. Ser-nos-ia difícil prová-las," observou Veracidade brandamente.

"E ele conta com isso!" cuspi, após o que virei a cara para o lado até conseguir dominar a minha fúria. A sua simples intensidade assustava-me, pois não me permitira senti-la até agora. Meses antes, quando precisava de toda a minha esperteza para permanecer vivo, pusera-a de lado para manter a mente clara. Tinham-se seguido os meses desgastantes da convalescença enquanto recuperava da tenta-

tiva falhada que Majestoso fizera para me envenenar. Nem mesmo a Castro fora capaz de dizer tudo, pois Veracidade deixara claro que não desejava que ninguém soubesse mais acerca da situação do que era inevitável. Agora estava perante o meu príncipe e tremia com a força da minha fúria. A cara contorceu-se-me de súbito com uma violenta série de espasmos. Isso desanimou-me o suficiente para conseguir voltar a forçar-me à calma.

“Majestoso conta com isso,” disse em voz mais baixa. Veracidade não se movera nem mudara de expressão, apesar da minha explosão. Estava gravemente sentado na sua ponta da mesa, com as mãos marcadas pelo trabalho compostas na sua frente, observando-me com olhos escuros. Baixei os olhos para o tampo da mesa e percorri com a ponta de um dedo os arabescos esculpido no canto. “Ele não vos admira, não lhe causa respeito que defendais as leis do reino. Vê-o como uma fraqueza, como uma forma de rodear a justiça. Pode voltar a tentar matar-vos. Quase de certeza que fará uma tentativa contra mim.”

“Então temos de ser ambos cautelosos, não é verdade?” observou Veracidade com brandura.

Ergui os olhos para o olhar no rosto. “Isso é tudo o que tendes a dizer-me?” perguntei, tenso, engolindo a afronta.

“FitzCavalaria, eu sou o teu príncipe. Sou o teu rei expectante. Estás ajuramentado tanto a mim como ao meu pai. E, vistas bem as coisas, estás também ajuramentado ao meu irmão.” Veracidade ergueu-se de súbito e pôs-se a passear pela sala. “Justiça. Eis algo de que sempre teremos sede, e que nos deixará sempre ressequidos. Não. Contentamo-nos com a lei. E quanto mais sobe o estatuto de um homem, mais verdadeiro isto se torna. A justiça colocar-te-ia em primeiro lugar na linha de sucessão ao trono, Fitz. Cavalaria era meu irmão mais velho. Mas a lei diz que nasceste à margem do casamento, e portanto não poderás nunca avançar com uma pretensão à coroa. Alguns poderiam dizer que eu surripiei o trono ao filho do meu irmão. Deverei surpreender-me por o meu irmão mais novo querer tirar-mo?”

Nunca tinha ouvido Veracidade falar assim, com a voz tão regular, mas tão plena de emoção. Mantive o silêncio.

“Achas que eu devia puni-lo. Podia fazê-lo. Não tenho de provar os seus crimes para lhe tornar a vida desagradável. Podia enviá-lo para a Baía Fria como emissário, nalguma demanda imaginária, e

mantê-lo aí, em condições desconfortáveis, longe da corte. Podia praticamente bani-lo. Ou podia mantê-lo aqui na corte, mas carregá-lo tanto de deveres desagradáveis que não tivesse tempo para aquilo que o diverte. Ele compreenderia que estava a ser punido. E qualquer nobre com metade de um cérebro também. Aqueles que simpatizam com ele reunir-se-iam em sua defesa. Os Ducados Interiores podiam imaginar alguma emergência na terra da mãe que exigisse a presença do filho. Uma vez aí chegado, podia construir uma maior base de apoio para si. Podia muito bem ser capaz de fomentar a agitação civil que procurara antes, e arranjar um reino interior que fosse leal apenas a ele. Mesmo se não lograsse esse objectivo, podia causar suficiente agitação para me privar da unidade que tenho de ter se quiser defender o nosso reino.”

Parou de falar. Ergueu os olhos e deitou um relance pela sala. Segui-lhe o olhar. As paredes estavam cobertas com os seus mapas. Ali estava Vigas, ali estava Razos, e ali estava Rasgão. Na parede oposta, Cervo, Vara e Lavra. Todos feitos pela mão precisa de Veracidade, todos os rios pintados a azul, todas as vilas nomeadas. Ali estavam os seus Seis Ducados. Ele conhecia-os como Majestoso nunca conheceria. Percorrera aquelas estradas, ajudara a colocar os marcadores daquelas fronteiras. Seguindo Cavalaria, negociara com a gente fronteiriça às nossas terras. Brandira uma espada em sua defesa, e soubera quando baixar essa espada e negociar uma paz. Quem era eu para lhe dizer como governar em casa?

“O que fareis?” perguntei em voz baixa.

“Vou mantê-lo. Ele é meu irmão. E filho do meu pai.” Serviu-se de mais vinho. “O mais querido e mais novo dos filhos do meu pai. Fui falar com o meu pai, o rei, e sugeri que Majestoso talvez ficasse mais contente com o que lhe cabia se tivesse mais a ver com o governo do reino. O Rei Sagaz consentiu. Conto estar muito ocupado com a defesa das nossas terras contra os Navios Vermelhos. De modo que sobre Majestoso cairá a responsabilidade de cobrar as receitas de que necessitaremos, e também será ele a lidar com quaisquer crises internas que possam surgir. Com um círculo de nobres que o assistam, claro. Está à vontade para lidar com as suas questiúnculas e divergências.”

“E Majestoso está contente com isso?”

Veracidade esboçou um fino sorriso. “Não pode dizer que não está. Pelo menos se quiser manter a imagem de um jovem versado

no governo e apenas à espera de uma oportunidade para provar o seu valor.” Ergueu o copo de vinho e virou-se para fitar a lareira. O único som na sala era o estalejar das chamas enquanto iam consumindo a madeira. “Quando vieres ter comigo amanhã,” começou.

“Tenho de ter o dia de amanhã para mim,” disse-lhe.

Ele pousou o copo de vinho e virou-se para me olhar. “Ah tens?” perguntou num tom estranho.

Ergui os olhos e encontrei os dele. Engoli em seco. Pus-me de pé. “Meu príncipe,” comecei formalmente. “Pediria a vossa indulgente permissão para ser dispensado dos meus deveres amanhã, a fim de poder... levar a cabo demandas pessoais.”

Ele deixou-me ficar em pé por um momento. E então: “Oh, senta-te, Fitz. Mesquinho. Suponho que isto foi mesquinho da minha parte. Pensar em Majestoso põe-me nesse estado de espírito. Certamente que podes tirar o dia, rapaz. Se alguém perguntar, estás a tratar dos meus assuntos. Posso perguntar que urgente demanda é essa?”

Olhei para as chamas saltitantes na lareira. “A minha amiga estava a viver em Baía Lodosa. Tenho de descobrir...”

“Oh, Fitz.” Havia mais comiseração na voz de Veracidade do que eu fui capaz de suportar.

Uma súbita onda de fadiga varreu-me. Senti-me feliz por voltar a sentar-me. As mãos começaram a tremer. Pu-las debaixo da mesa e apertei-as para as imobilizar. Ainda sentia os tremores, mas ao menos agora ninguém podia ver a minha fraqueza.

Ele pigarreou. “Vai para o quarto e descansa,” disse ele com gentileza. “Queres um homem que te acompanhe amanhã a Baía Lodosa?”

Sacudi a cabeça, atordoado, súbita e infelizmente seguro do que iria descobrir. A ideia deixou-me doente. Outro tremor me assaltou. Tentei respirar lentamente, para me acalmar e me afastar do ataque que ameaçava chegar. Não conseguia suportar a ideia de me envergonhar dessa maneira perante Veracidade.

“A vergonha é minha, não tua, por ter ignorado o quão doente tu tens estado.” Ele erguera-se em silêncio. Pôs o seu copo de vinho à minha frente. “Os danos que sofreste, sofreste-os por mim. Estou aterrado com aquilo que deixei que te acontecesse.”

Forcei-me a enfrentar os olhos de Veracidade. Ele sabia tudo o que eu tentava esconder. Sabia, e sentia-se infeliz e culpado.

“Não é frequente ser assim tão mau”, disse-lhe.

Ele sorriu-me, mas os seus olhos não mudaram. “És um excelente mentiroso, Fitz. Não penses que o teu treino falhou. Mas não podes mentir a um homem que esteve tanto contigo como eu, e não só nestes últimos dias, mas frequentemente durante a tua doença. Se algum outro homem te disser: ‘Eu sei precisamente como te sentes,’ podes encarar isso como uma delicadeza. Mas de mim, aceita essa frase como verdadeira. E sei que contigo se passa o mesmo que com Castro. Não te oferecerei um potro de dois anos à escolha daqui a alguns meses. Mas ofereço-te o meu braço, se o quiseres, para voltares para o teu quarto.”

“Eu desembaraço-me,” disse, com uma voz tensa. Estava consciente da honra que ele me concedia, mas também da clareza com que ele via a minha debilidade. Queria estar sozinho, para me esconder.

Ele anuiu, compreendendo. “Teria sido bom que tivesses dominado o Talento. Podia oferecer-te força, tal como ta roubei com demasiada frequência.”

“Não poderia aceitar,” murmurei, incapaz de disfarçar como acharia desagradável absorver a força de outro homem para substituir a minha. Arrependi-me imediatamente do momento de vergonha que vi nos olhos do meu príncipe.

“Também eu pude em tempos falar com esse orgulho,” disse ele em voz baixa. “Vai descansar, rapaz.” Virou-me lentamente as costas. Atarefou-se a preparar de novo as tintas e o velo. Eu saí em silêncio.

Tínhamos estado fechados o dia inteiro. Lá fora era noite cerrada. O castelo tinha o ar tranquilo de uma noite de Inverno. Com as mesas já limpas, as pessoas estariam reunidas em volta das lareiras no Grande Salão. Ministreis poderiam estar a cantar, ou um titereiro a fazer avançar os seus bonecos desengonçados por uma história. Algumas pessoas assistiriam enquanto colocavam penas em setas, outras manejariam agulhas, crianças fariam girar piões, ou conjugariam placas, ou dormitariam sobre os joelhos ou ombros dos pais. Tudo estava em segurança. Lá fora, os ventos de tempestade sopravam e mantinham-nos a salvo.

Caminhei com o cuidado de um bêbado, evitando as áreas públicas onde as pessoas se tinham reunido para a noite. Dobrei os braços e curvei os ombros como se estivesse enregelado, e assim evitei

o tremor nos braços. Subi lentamente o primeiro lanço de escadas, como se estivesse perdido em pensamentos. No patamar permiti-me uma pausa para contar até dez, e então forcei-me a começar o lanço seguinte.

Mas no momento em que pus o pé no primeiro degrau, Renda apareceu a saltitar pelas escadas abaixo. Embora fosse uma mulher rechonchuda uma vintena de anos mais velha do que eu, ainda descia as escadas com o passo saltitante de uma criança. Ao chegar ao fundo, agarrou-me com um grito de “Aí estás tu!” como se eu fosse uma tesoura que tivesse caído do seu cesto de costura. Pegou-me firmemente no braço e virou-me para o corredor. “Hoje já subi e descí estas escadas uma dúzia de vezes, pelo menos. Ena, tu crescestes. A Dama Paciência não tem estado em si, e a culpa é tua. A princípio esperava que lhe batesse à porta a qualquer momento. Estava tão contente por teres finalmente voltado para casa.” Fez uma pausa para me olhar com os seus brilhantes olhos de pássaro. “Isso foi esta manhã,” confidenciou. E depois: “Tu *tens* estado doente! Tens cá umas olheiras por baixo dos olhos!”

Sem me dar hipótese de responder, prosseguiu: “Ao princípio da tarde, quando não chegaste, começou a sentir-se insultada e um pouco zangada. Por alturas do jantar estava num tal humor por causa da tua má educação que quase não conseguiu comer. Desde aí, decidiu acreditar nos rumores sobre tu teres estado muito doente. Tem a certeza de que ou caíste sem sentidos em algum sítio, ou Castro te manteve nos estábulos a limpar a porcaria de cães e cavalos apesar da tua saúde. E agora, aqui estás, aí vais tu, apanhei-o senhora.” E empurrou-me para dentro dos aposentos de Paciência.

A tagarelice de Renda trazia consigo a estranha sugestão de ela estar a evitar alguma coisa. Entrei hesitantemente, perguntando a mim próprio se a própria Paciência teria estado doente ou se algum infortúnio teria caído sobre ela. Se assim era, então o que quer que tivesse acontecido não lhe afectara os hábitos. Os seus aposentos estavam muito semelhantes ao que sempre tinham sido. As suas plantas tinham crescido, tinham-se ligado, tinham perdido folhas. Uma nova camada de interesses súbitos sobrepunha-se aos abandonados. Duas pombas haviam sido acrescentadas à sua colecção de animais. Cerca de uma dúzia de ferraduras encontrava-se espalhada pelo quarto. Uma grossa vela com odor a baga de loureiro ardia sobre a mesa, soltando um cheiro agradável, mas pingando cera

sobre um conjunto de flores e ervas secas dispostas numa bandeja a seu lado. Um feixe de pauzinhos estranhamente esculpidos também se encontrava ameaçado. Pareciam ser paus divinatórios, como os que os Chyurda usavam. Quando entrei, a sua pequena cadela *terrier* aproximou-se para me saudar. Parei para lhe fazer uma festa, e depois perguntei a mim próprio se conseguiria voltar a erguer-me. Para disfarçar o atraso, peguei cuidadosamente numa tabuinha que se encontrava caída no chão. Era bastante antiga, e provavelmente rara, para usar com os paus divinatórios. Paciência afastou os olhos do tear para me saudar.

“Oh, levanta-te e deixa de ser ridículo,” exclamou ao ver-me agachado. “Cair sobre um joelho é uma idiotice. Ou será que pensaste que isso me faria esquecer a tua má-criação por não me vires visitar de imediato? O que é isso que me trouxeste? Oh, que atencioso! Como soubeste que tenho andado a estudá-las? Sabes que procurei em todas as bibliotecas do castelo e não encontrei grande coisa acerca dos paus de profecia?”

Tirou-me a tabuinha da mão e sorriu-me pelo suposto presente. Por sobre o ombro da patroa, Renda piscou-me o olho. Respon-di-lhe com um minúsculo encolher de ombros. Voltei a relancear os olhos pela Dama Paciência, que pôs a tabuinha no topo de uma baloiçante pilha de tabuinhas. Voltou a virar-se para mim. Por um momento olhou-me calorosamente, e então chamou à cara uma car-ranca. As sobrancelhas reuniram-se-lhe por cima dos olhos cor de avelã, enquanto a pequena boca direita se dispôs numa linha firme. O efeito do olhar reprovador foi bastante estragado pelo facto de agora só me dar pelo ombro e ter duas folhas de hera presas ao cabelo. “Com licença,” disse, e tirei-lhas ousadamente dos indisciplina-dos caracóis escuros. Ela puxou-mas da mão com seriedade, como se fossem importantes, e pô-las em cima da tabuinha.

“Onde estiveste todos estes meses, quando eras necessário aqui?” quis saber. “A noiva do teu tio chegou há meses. Perdeste a boda formal, perdeste os banquetes, as danças e a reunião dos nobres. Estou eu aqui a gastar todas as minhas energias para me assegurar de que sejas tratado como o filho de um príncipe, e tu a evitares todas as tuas obrigações sociais. E quando finalmente chegas a casa, não vens visitar-me, mas em vez disso pões-te a andar pela fortaleza onde todos os outros podem falar contigo, vestido como algum remendão esfarrapado. Que demónio te possuiu para cortares

o cabelo assim?” A esposa do meu pai, em tempos horrorizada por descobrir que ele fora pai de um bastardo antes de se casarem, deixara de me detestar, para passar a melhorar-me de um modo agressivo. Por vezes era mais difícil lidar com isso do que se ela me ostracizasse. Agora perguntava: “Não te passou pela cabeça que poderias ter deveres sociais a cumprir aqui mais importantes do que deambular por aí com Castro a olhar para cavalos?”

“Lamento, senhora.” A experiência ensinara-me a nunca discutir com Paciência. A sua excentricidade deliciara o Príncipe Cavalaria. Nos dias bons distraía-me. Naquela noite, sentia-me esmagado por ela. “Durante algum tempo, estive doente. Não me sentia suficientemente bem para viajar. Quando recuperei, o mau tempo atrasou-nos. Lamento ter faltado ao casamento.”

“E é só isso? Essa foi a única razão para o teu atraso?” Falou num tom penetrante, como se suspeitasse de algum odioso embuste.

“Foi,” respondi eu gravemente. “Mas pensei em vós. Tenho uma coisa para vós, nos meus embrulhos. Ainda não os trouxe dos estábulos, mas fá-lo-ei amanhã.”

“O que é?” quis ela saber, curiosa como uma criança.

Inspirei profundamente. Sentia uma desesperada ânsia por estar deitado na minha cama. “É uma espécie de herbário. Simples, pois eles são delicados, e os mais ornamentados não teriam resistido à viagem. Os Chyurda não usam tabuinhas ou pergaminhos para ensinar as ervas, como nós. É um estojo de madeira. Quando o abrires, ireis descobrir minúsculos modelos de cera de cada erva para facilitar a aprendizagem. A escrita é em chyurda, claro, mas mesmo assim penso que ireis gostar.”

“Parece muito interessante,” disse ela, e os olhos brilharam. “Mal posso esperar para o ver.”

“Deverei trazer uma cadeira para ele, senhora? Ele realmente tem ar de ter estado doente,” interveio Renda.

“Oh, claro, Renda. Senta-te, rapaz. Diz-me, que doença tiveste?”

“Comi qualquer coisa, uma das ervas estrangeiras, e tive uma forte reacção a ela.” E pronto. Aquilo era verdade. Renda trouxe-me um pequeno banco e eu sentei-me, sentindo-me grato. Uma onda de fadiga passou por mim.

“Oh. Estou a ver.” Paciência pôs de parte a minha doença. Inspirou, olhou em volta, e então perguntou de súbito: “Diz-me uma coisa. Alguma vez pensaste em casamento?”

A abrupta mudança de assunto era tão característica de Paciência que eu fui obrigado a sorrir. Tentei reflectir na pergunta. Por um momento, vi Moli, com o rosto ruborizado pelo vento que brincava com o seu cabelo solto. Moli. Amanhã, prometi a mim próprio. Baía Lodosa.

“Fitz! Pára com isso! Não te quero a olhar através de mim como se não estivesse aqui. Estás a ouvir-me? Estás bem?”

Com esforço, chamei-me de volta. “Nem por isso,” respondi com honestidade. “Tive um dia cansativo...”

“Renda, arranja ao rapaz um copo de vinho de sabugueiro. Ele realmente parece fatigado. Esta talvez não seja a melhor altura para conversar,” decidiu a Dama Paciência hesitantemente. Pela primeira vez olhou realmente para mim. Uma preocupação genuína cresceu nos seus olhos. “Talvez,” sugeriu em voz baixa, passado um momento, “não conheça a história completa das tuas aventuras.”

Baixei os olhos para os meus borzeguins acolchoados de montanha. A verdade pairou dentro de mim, após o que caiu e foi afogada pelo perigo que constituiria ela saber toda essa verdade. “Uma longa viagem. Comida má. Estalagens sujas, com más camas e mesas peganhentas. Isto resume tudo. Não me parece que realmente queirais ouvir contar todos os detalhes.”

Uma coisa estranha aconteceu. Os nossos olhos encontraram-se, e eu soube que ela viu a mentira. Anuii lentamente, aceitando-a como necessária, e afastou o olhar. Perguntei a mim próprio quantas vezes o meu pai lhe teria contado semelhantes mentiras. O que lhe custaria anuir?

Renda pôs-me firmemente o copo de vinho na mão. Ergui-o, e o doce ardor do primeiro gole devolveu-me à vida. Segurei-o com ambas as mãos e logrei sorrir a Paciência por cima dele. “Contai-me,” comecei, e contra vontade a voz tremeu como a de um velho. Pigarreei para a estabilizar. “Como tendes estado? Imagino que ter uma rainha aqui em Torre do Cervo tornou a vossa vida muito mais ocupada. Contai-me tudo o que tenho perdido.”

“Oh,” disse ela, como se tivesse sido picada por um alfinete. Agora foi a vez de Paciência afastar o olhar. “Sabes como sou uma criatura solitária. A minha saúde nem sempre é forte. Ficar acordada até tarde, dançando e conversando, deixa-me depois na cama por dois dias. Não. Apresentei-me à rainha e sentei-me à mesa dela uma ou duas vezes. Mas ela é jovem e anda ocupada e envolvida com a

sua nova vida e eu sou velha e estranha e a minha vida está cheia com os meus próprios interesses...”

“Kettricken partilha o vosso amor por coisas vivas,” aventei. “Provavelmente ficaria muito interessada...” Um súbito tremor sacudiu-me os ossos, e os dentes chocalharam até se imobilizarem. “Tenho só... um pouco de frio.” Pedi perdão e voltei a erguer o copo de vinho. Engoli um trago em vez do gole que pretendia tomar. As mãos estremeceram e derramou-se-me vinho sobre o queixo e o peito da camisa. Pus-me em pé de um salto, consternado, e as minhas mãos traiçoeiras largaram o copo. Este caiu sobre o tapete e afastou-se a rolar, deixando um rasto de vinho escuro como sangue. Voltei a sentar-me abruptamente e enrolei os braços à minha volta para tentar aquietar os tremores. “Estou muito cansado,” tentei dizer.

Renda veio até junto de mim com um pano e começou a limpar-me com ele até que lho tirei das mãos. Limpei o queixo e absorvi a maior parte do vinho da camisa. Mas quando me agachei para limpar aquilo que se tinha derramado quase me atirei de cara para a frente.

“Não, Fitz, esquece o vinho. Nós podemos arrumar isto. Estás cansado, e adoentado. Vai para a cama. Vem visitar-me depois de descansares. Tenho algo de sério a discutir contigo, mas esperará mais uma noite. E agora, fora, rapaz. Para a cama.

Ergui-me, grato pelo adiamento, e fiz as minhas cautelosas cortesias. Renda levou-me até à porta, e depois ficou a observar-me, ansiosa, enquanto eu me encaminhava para o patamar. Tentei caminhar como se as paredes e o chão não estivessem a vacilar. Fiz uma pausa nas escadas para lhe dirigir um pequeno aceno, após o que comecei a subi-las. Três degraus mais acima e fora da sua vista, parei para me encostar à parede e recuperar o fôlego. Ergui as mãos para proteger os olhos da luz brilhante das velas. A tontura cobria-me em vagas. Quando abri os olhos, tinha a visão engrinaldada com névoas arco-íris. Fechei-os bem e pressionei-os com as mãos.

Ouvi um passo ligeiro a descer as escadas na minha direcção. Parou dois degraus acima de mim. “Estais bem, senhor?” disse alguém num tom hesitante.

“Um bocado de bebida a mais,” menti. Com certeza que o vinho que despejara em cima de mim me fazia cheirar como um bêbado. “Ficarei bem dentro de um momento.”

“Permiti-me que vos ajude a subir as escadas. Um tropeção

aqui pode ser perigoso.” Havia agora uma firme desaprovação na voz. Abri os olhos e espreitei através dos dedos. Uma saia azul. Do tecido razoável que todas as criadas usavam. Não havia dúvida que ela já antes tivera que lidar com bêbados.

Abanei a cabeça, mas ela ignorou o gesto, tal como eu teria ignorado se estivesse no seu lugar. Senti uma mão forte agarrar-me firmemente no braço, enquanto a outra me rodeava a cintura. “Vamos só subir as escadas,” encorajou-me. Apoiei-me nela, contra vontade, e subi aos tropeções até ao patamar seguinte.

“Obrigado,” murmurei, pensando que ela me deixaria ali, mas a rapariga continuou a segurar-me.

“Tendes a certeza de que este é o vosso andar? Os aposentos dos criados ficam um lance mais acima, sabíeis?”

Logrei confirmar com a cabeça. “Terceira porta. Se não te importas.”

Ela ficou em silêncio durante mais do que um momento. “Esse é o quarto do Bastardo.” As palavras foram arremessadas como um frio desafio.

Não vacilei perante as palavras como teria em tempos vacilado. Nem sequer ergui a cabeça. “Sim. Agora podes ir.” Mandei-a embora com igual frieza.

Em vez de se afastar, ela aproximou-se. Agarrou-me no cabelo, puxou-me a cabeça para cima para a encarar. “Novato!”, silvou, numa fúria. “Devia deixar-te cair aqui mesmo.”

Ergui a cabeça de repente. Não conseguia obrigar os meus olhos a focar-se nos dela, mas mesmo assim reconheci-a, reconheci a forma do seu rosto, e o modo como o cabelo lhe caía para a frente sobre os ombros, e o seu cheiro, o cheiro de uma tarde de Verão. O alívio rebentou sobre mim como uma onda. Era Moli, a minha Moli, a veleira. “Estás viva!”, gritei. O coração saltou dentro de mim como um peixe num anzol. Tomei-a nos braços e beijei-a.

Ou pelo menos tentei. Ela afastou-me com um braço forte, dizendo num tom áspero: “Nunca beijarei um bêbado. Essa é uma promessa que fiz a mim mesma e que sempre manterei. Nem serei beijada por um.” A sua voz estava tensa.

“Não estou bêbado, estou... doente,” protestei. A vaga de excitação fizera-me a cabeça rodar mais do que nunca. Oscilei sobre as pernas. “Seja como for não importa. Estás aqui e em segurança.”

Ela equilibrou-me. Um reflexo que aprendera a cuidar do pai.

“Oh. Estou a ver. Não estás bêbado.” Repugnância e incredulidade misturaram-se na sua voz. “E também não és aprendiz do escriba. Nem um moço de estrebaria. Começas com as pessoas sempre a mentir? Parece-me que é assim que acabas sempre.”

“Não menti,” disse eu num tom lamuriento, confundido pela ira na sua voz. Desejei obrigar os olhos a encontrarem-se com os dela. “Só não te contei bem a... é muito complicado. Moli, estou tão contente por estares bem. E aqui em Torre do Cervo! Pensei que ia ter de te procurar...” Ela continuava a agarrar-me, mantendo-me assente nos pés. “Não estou bêbado. É verdade. Menti há bocadinho, porque era um embaraço admitir como estou fraco.”

“E portanto mentiste.” A sua voz cortava como um chicote. “Devias ficar mais embaraçado por mentir, Novato. Ou será a mentira permitida ao filho de um príncipe?”

Ela largou-me e eu descaí contra uma parede. Tentei controlar o turbilhão dos meus pensamentos enquanto mantinha o corpo vertical. “Não sou filho de um príncipe,” disse por fim. “Sou um bastardo. É diferente. E, sim, admitir isso também era demasiado embaraçante. Mas nunca te disse que não era o Bastardo. Só que sempre senti, quando estava contigo, que era o Novato. Era bom ter alguns amigos que olhavam para mim e pensavam ‘Novato’, em vez de ‘o Bastardo.’”

Moli não respondeu. Em vez disso agarrou-me, muito mais bruscamente do que antes, pelo peito da camisa, e arrastou-me ao longo do corredor até ao meu quarto. Fiquei espantado com a força que as mulheres tinham quando se zangavam. Ela abriu a porta ao encontrão como se fosse uma inimiga pessoal, e impeliu-me para a cama. Assim que me aproximei, ela largou-me e eu caí contra o móvel. Endireitei-me e consegui sentar-me. Apertando bem as mãos uma à outra e enfiando-as entre os joelhos, consegui controlar os tremores. Moli ficou em pé, a fuzilar-me com os olhos. Não conseguia propriamente vê-la. A sua silhueta estava desfocada, e os seus traços eram uma mancha, mas conseguia ver pelo modo como colocava o corpo que estava furiosa.

Após um momento aventurei-me a dizer: “Sonhei contigo. Enquanto estive longe.”

Ela continuou a nada dizer. Senti-me um pouco mais corajoso. “Sonhei que estavas em Baía Lodosa. Quando a vila foi atacada.” As palavras saíram tensas com o esforço que fazia para evitar que a voz

tremesse. “Sonhei com incêndios, e com o ataque de Salteadores. No meu sonho havia duas crianças que tinhas de proteger. Parecia que eram tuas.” O silêncio dela aguentou como uma muralha contra as minhas palavras. Provavelmente pensava que eu era dez tipos diferentes de idiota, a falar sobre sonhos. E porquê, oh, porquê, entre todas as pessoas do mundo que me poderiam ter visto assim tão enfraquecido, porque tinha de ser Moli? O silêncio prolongava-se. “Mas estás aqui, em Torre do Cervo e a salvo.” Tentei estabilizar a minha voz tremente. “Fico contente por estares a salvo. Mas o que estás a fazer em Torre do Cervo?”

“O que estou a fazer aqui?” A sua voz estava tão tensa como a minha. A ira deixava-a fria, mas pareceu-me também ouvi-la debruada de medo. “Vim à procura de um amigo.” Fez uma pausa e pareceu levar algum tempo a dominar-se. Quando voltou a falar, a sua voz veio artificialmente calma, quase gentil. “Estás a ver, o meu pai morreu e deixou-me em dívida. De modo que os credores tiraram-me a loja. Fui para casa de parentes, ajudar com as colheitas, para ganhar dinheiro e recomeçar. Em Baía Lodosa. Se bem que não consiga sequer adivinhar como tu soubeste disso. Ganhei algum dinheiro e o meu primo estava disposto a emprestar-me o resto. A colheita tinha sido boa. Devia voltar para Torre do Cervo no dia seguinte. Mas Baía Lodosa foi atacada. Eu estava lá, com as minhas sobrinhas...” Por um momento, a voz apagou-se-lhe. Recordei com ela. Os navios, o fogo, a mulher que ria e trazia a espada. Ergui os olhos para ela e quase consegui focá-los. Não fui capaz de falar. Mas ela estava a olhar para outro lado, por cima da minha cabeça. Continuou a falar calmamente.

“Os meus primos perderam tudo o que possuíam. E acharam-se com sorte, porque os filhos sobreviveram. Não podia continuar a pedir-lhes que me emprestassem dinheiro. A verdade é que nem poderiam ter-me pago pelo trabalho que eu fizera, se tivesse pensado em pedir. Portanto voltei para Torre do Cervo, com o Inverno a chegar, e sem sítio onde ficar. E pensei: sempre fui amiga do Novato. Se houver alguém a quem possa pedir para me emprestar dinheiro que me ajude a manter-me à tona de água, será ele. De modo que subi até à Torre, e perguntei pelo aprendiz do escriba. Mas toda a gente encolheu os ombros e me mandou ir ter com Penacariço. E Penacariço escutou enquanto te descrevia, e franziu o sobrolho e mandou-me a Paciência.” Moli fez uma pausa cheia de

significado. Tentei imaginar esse encontro, mas afastei-me dele com um estremecimento. “Ela contratou-me como criada,” disse Moli em voz baixa. “Disse que era o mínimo que podia fazer, depois de me teres envergonhado.”

“Envergonhado?” Endireitei-me de repente. O mundo balouçou à minha volta e a minha visão enevoada dissolveu-se em faíscas. “Como? Envergonhado como?”

A voz de Moli era calma. “Ela disse que era óbvio que tinhas conquistado o meu afecto, para depois me abandonares. Deixando-me supor falsamente que poderias vir um dia a casar comigo, eu tinha-te deixado cortejar-me.”

“Eu não...” gaguejei, e então: “Nós éramos amigos. Eu não sabia que tu sentias mais do que isso...”

“Não sabias?” Ela ergueu o queixo; conhecia esse gesto. Seis anos antes, ter-se-ia seguido um murro no estômago. Ainda me encolhi. Mas ela limitou-se a falar mais calmamente quando disse: “Suponho que devia ter esperado que dissesses isso. É uma coisa simples de se dizer.”

Foi a minha vez de me irritar. “Foste tu quem me deixou, sem sequer uma palavra de despedida. E com aquele marinheiro, o Jade. Julgas que não sei dele? Eu estava lá, Moli. Vi-te a dar-lhe o braço e a te ires embora com ele. Porque foi então que não vieste ter comigo, antes de partir com ele?”

Ela endireitou-se. “Eu era uma mulher com boas perspectivas. Então tornei-me, sem consciência disso, uma devedora. Será que imaginas que eu sabia das dívidas em que o meu pai incorreu e depois ignorou? Só depois de ele estar enterrado é que os credores vieram bater-me à porta. Perdi tudo. Deveria ter vindo ter contigo como uma pedinte, esperando que me recebesses? Julgava que tu gostavas de mim. Julgava que querias... Que El te amaldiçoe, porque tenho eu de admitir isto à tua frente?” As palavras dela matraquearam contra mim como pedras arremessadas. Sabia que os seus olhos ardiam, que o seu rosto estava ruborizado. “Julgava que querias casar comigo. Quis trazer qualquer coisa comigo, e não vir ter contigo sem vintém e sem perspectivas de futuro. Imaginei-nos com uma lojinha, eu com as minhas velas, ervas e mel e tu com os teus conhecimentos de escriba... E assim fui ter com o meu primo, para lhe pedir dinheiro emprestado. Ele não tinha nenhuma reserva, mas arranjou-me passagem para Baía Lodosa, para ir falar com o irmão

mais velho, Pederneiro. Já te contei como isso acabou. Consegui voltar para cá trabalhando num barco de pesca, Novato, amanhando peixe e guardando-o em sal. Voltei para Torre do Cervo como um cão sovado. E engoli o orgulho e vim até cá naquele dia, e descobri como tinha sido estúpida, como tu fingiste e me mentiste. És um bastardo, Novato. És mesmo.”

Por um momento escutei um som estranho, tentando compreender o que seria. Então compreendi. Ela estava a chorar, em pequenos soluços. Sabia que se tentasse levantar-me e ir ter com ela, cairia de cara no chão. Ou então alcançá-la-ia e ela empurrar-me-ia, fazendo-me estatelar-me. Estupidamente, como qualquer homem embriagado, repeti: “Bem, e então Jade? Porque foi que achaste assim tão fácil ir ter com ele? Porque não vieste ter comigo primeiro?”

“Já te disse! Ele é meu primo, seu cretino!” A sua fúria explodiu através das lágrimas. “Quando estás metido em sarilhos, viras-te para a família. Pedi-lhe ajuda, e ele levou-me à quinta da família, para ajudar com as colheitas.” Um momento de silêncio. E então, incrédula: “O que foi que pensaste? Que eu era o tipo de mulher que podia ter outro homem de reserva?” Com gelo. “Que deixaria que me cortejasses, enquanto andava com outra pessoa?”

“Não. Não disse isso.”

“Claro que pensaste.” Ela disse-o como se de súbito tudo fizesse sentido. “És como o meu pai. Ele sempre acreditou que eu mentia, porque ele próprio dizia tantas mentiras. Precisamente como tu. ‘Oh, eu não estou bêbado,’ quando fedes a bebida e quase não te aguentas em pé. E a tua estúpida história: ‘Sonhei contigo em Baía Lodosa.’ Toda a gente na cidade sabia que eu tinha ido para Baía Lodosa. Provavelmente ouviste a história toda esta noite, enquanto estiveste sentado nalguma taberna.”

“Não. Não ouvi, Moli. Tens de acreditar em mim.” Agarrei-me às mantas da cama para me manter direito. Ele virara-me as costas.

“Não. Não tenho! Já não tenho de acreditar em ninguém.” Fez uma pausa, como quem reflecte sobre algo. “Sabes, um dia, há muito tempo, quando eu era uma miudinha muito pequena. Antes ainda de te conhecer.” A voz dela estava a ficar estranhamente mais calma. Mais vazia, mas mais calma. “Foi na Festa da Primavera. Lembro-me de pedir ao papá umas moedas para as barracas da feira, e ele deu-me um tabefe e disse que não ia desperdiçar dinheiro em tolices como essas. E depois trancou-me na loja e foi beber. Mas já

então sabia como sair da loja. Fui na mesma às barracas, só para as ver. Uma tinha um velho que lia a sina em cristais. Sabes como eles fazem. Seguram o cristal à luz duma vela, e predizem-te o futuro a partir da forma como as cores te caem sobre a cara.” Fez uma pausa.

“Eu sei,” Admiti perante o seu silêncio. Conhecia o tipo de feiticeiro equívoco de que ela falava. Vira a dança de luzes coloridas na cara de olhos fechados de uma mulher. Naquele momento só desejava conseguir ver Moli claramente. Pensei que se conseguisse olhá-la nos olhos, podia levá-la a ver a verdade dentro de mim. Desejei atrever-me a pôr-me em pé, para ir ter com ela e tentar voltar a abraçá-la. Mas ela julgava-me bêbado, e eu sabia que iria cair. Não voltaria a envergonhar-me à frente dela.

“Montes de outras raparigas e mulheres estavam a ter as sinas lidas. Mas eu não tinha vintém, portanto só podia assistir. Mas passado um bocado, o velho reparou em mim. Suponho que pensou que eu fosse tímida. Perguntou-me se não queria saber a minha sina. E eu desatei a chorar, porque queria, mas não tinha vintém. Então Salgada, a peixeira, soltou uma gargalhada e disse que eu não precisava de pagar para a conhecer. Toda a gente já conhecia o meu futuro. Era filha de um bêbado. Ia ser mulher de um bêbado e mãe de bêbados.” E sussurrou: “Toda a gente desatou a rir. Mesmo o velho.”

“Moli,” disse. Acho que ela nem sequer me ouviu.

“Continuo sem ter vintém,” disse ela lentamente. “Mas pelo menos sei que não serei mulher de um bêbado. E nem sequer me parece que queira ser amiga de um.”

“Tens de ouvir o que te digo. Não estás a ser justa!” A minha língua traiçoeira entaramelou-me as palavras. “Eu...”

A porta bateu com estrondo.

“... não sabia que gostavas de mim dessa maneira,” disse eu estupidamente para o quarto frio e vazio.

Os tremores dominaram-me a sério. Mas não ia voltar a perdê-la assim tão facilmente. Pus-me em pé e consegui dar dois passos antes de o chão balançar debaixo de mim e eu cair de joelhos. Fiquei aí por um bocado, de cabeça pendente como a de um cão. Achei que ela não se deixaria impressionar se fosse atrás dela a gatinhar. Provavelmente pontapear-me-ia. Podia nem sequer a encontrar. Gatinhei de volta à cama e subi desajeitadamente para cima dela. Não me despi, limitei-me a arrastar a borda da manta para cima de mim. A visão ensombrou-se-me, fechando-se, negra a partir das bordas,

mas não adormeci imediatamente. Em vez disso, fiquei ali deitado a pensar no rapaz estúpido que fora no Verão anterior. Cortejara uma mulher, julgando que estava a passear com uma rapariga. Aquela diferença de três anos nas nossas idades tivera tanta importância para mim, mas de todas as maneiras erradas. Pensara que ela me via como um rapaz, e desesperara de a conquistar. Portanto agira como um rapaz, em vez de tentar levá-la a ver-me como homem. E o rapaz magoara-a e, sim, enganara-a, e com toda a probabilidade perdera-a para sempre. A escuridão fechou-se, negrume por todo o lado à excepção de uma centelha rodopiante.

Ela amara o rapaz e antevira uma vida em conjunto para nós. Agarrei-me à centelha e afundei-me no sono.